

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL**

**AMANDA BASTOS SOUZA**

**A INTERFERÊNCIA DE GÊNEROS DIGITAIS ORAIS NA ESCRITA:  
PRODUÇÕES DE VLOG CIENTÍFICO E ARTIGO DE OPINIÃO**

**São Paulo**

**2024**

AMANDA BASTOS SOUZA

A INTERFERÊNCIA DE GÊNEROS DIGITAIS ORAIS NA ESCRITA:  
PRODUÇÕES DE *VLOG* CIENTÍFICO E ARTIGO DE OPINIÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, vinculado ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Daruj Gil

São Paulo

2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S719i Souza, Amanda Bastos Souza  
A interferência de gêneros digitais orais na escrita: produções de vlog científico e artigo de opinião / Amanda Bastos Souza Souza; orientador Beatriz Daruj Gil Gil - São Paulo, 2024.  
90 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional.

1. Vlog científico. 2. Artigo de opinião. 3. Letramento digital. 4. Oralidade. 5. Escrita. I. Gil, Beatriz Daruj Gil, orient. II. Título.

## TERMO DE CIÊNCIA DO ORIENTADOR



Ilma. Senhora

Presidente da Comissão de Pós-Graduação

Tendo o (a) aluno (a) cumprido todas as exigências regimentais do curso de pós-graduação, encaminho à Comissão de Pós-Graduação os exemplares do trabalho abaixo discriminado, solicitando que sejam tomadas as providências para o depósito e aprovação da banca examinadora, conforme sugestão em anexo.

Aluno (a) Amanda Bastos Souza. Código USP 13631190

Orientador (a) Prof (a) Dr. (a) Beatriz Daruj Gil Curso: ME [ X ] DO [ ]

Programa: Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional

Título do Trabalho em português (obrigatório, idêntico à capa do trabalho) A interferência de gêneros digitais orais na escrita: produções de *vlog* científico e artigo de opinião

Título do Trabalho em inglês The interference of oral digital genres in writing: scientific vlog productions and opinion articles

---

*Professor (a) orientador (a)*

Contatos do Orientador (a)	Contatos do aluno (a)
E-mails: biagil@usp.br	E-mails: amandabastossouza@usp.br
Telefone (s): (11) 99434-3142	Telefone(s): (11) 95654-7866

SOUZA, Amanda Bastos. A interferência de gêneros digitais orais na escrita: produções de *vlog* científico e artigo de opinião. 2024. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Profa. Dra. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Profa. Dra. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores do Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional da Universidade de São Paulo, por todo aprendizado compartilhado, em especial, à minha orientadora, Profa. Dra. Beatriz Daruj Gil, pela paciência e dedicação. Aos colegas mestrandos, pela convivência enriquecedora.

À direção, coordenação e colegas professores do *Colégio Municipal André Fernandes*, pela compreensão e colaboração necessária para a realização desta pesquisa. Aos queridos alunos, pela participação, empenho e alegria nas aulas.

À minha família e amigos, pelo incentivo e apoio incondicional, sobretudo, por acreditarem neste sonho comigo, especialmente, à minha mãe, professora da Educação Básica, por ser minha maior referência nesta profissão.

## RESUMO

O processo de passagem da fala para escrita é cercado pelas marcas de oralidade que frequentemente são encontradas em produções textuais de alunos do Ensino Fundamental (Anos Finais). Entretanto, quando se trata de um gênero textual escrito e de registro mais formal, essas marcas acabam sendo inadequadas, ao contrário de um gênero digital oral e de registro informal, por exemplo, no qual são características. Sustentamo-nos na hipótese de que o letramento digital no cotidiano, durante e após o período pandêmico, interfere na escrita dos estudantes, provavelmente, por desconhecerem os aspectos que caracterizam e diferenciam os gêneros. Nesse sentido, aplicamos uma sequência de atividades aos alunos do 6º ano de uma escola da Rede Municipal de Santana de Parnaíba - SP, baseada em Dolz e Schneuwly (2004), a fim de que produzissem e comparassem artigo de opinião e *vlog* científico, possibilitando aos discentes, nesse processo, a reflexão sobre as particularidades, a composição e o estilo de cada um. Tendo em vista os pressupostos teóricos de Antunes (2012), Bakhtin (2016), Marcuschi (2010) e Rojo (2009), identificou-se nas produções escritas dos alunos a interferência de gêneros digitais orais, levando em consideração a relação entre as marcas de oralidade, a cultura e o letramento digital. Como resultado, pode-se perceber uma maior compreensão da relação entre oralidade e escrita que costuma ser reduzida à ortografia e truncamentos; o que facilitou o ensino das escolhas lexicais mais adequadas a cada gênero, de modo que os alunos possam transitar entre ambos. Esse contato efetivo pôde propiciar adequações ao texto escrito quanto às marcas de oralidade e quanto aos usos adequados da língua numa dada situação, uma vez que para cada situação comunicativa, há objetivos diversos relacionados ao uso da escrita e da oralidade.

**Palavras-chave:** *vlog* científico; artigo de opinião; letramento digital; oralidade; escrita.

## ABSTRACT

The process of transitioning from oral speech to written expression is surrounded by marks of orality often encountered in textual productions of students in the Upper Elementary School (Final Years). However, when dealing with a written genre and a more formal register, these marks end up being inappropriate, unlike a digital oral genre with an informal register, for example, in which they are characteristic. We uphold the hypothesis that everyday digital literacy, during and after the pandemic period, interferes with students' writing, probably due to their unfamiliarity with the aspects that characterize and differentiate genres. In this regard, we implemented a sequence of activities with 6th-grade students from a school in the Municipal School of Santana de Parnaíba - SP, based on Dolz and Schneuwly (2004), so that they could produce and compare an opinion article and a scientific vlog. In this process, students were enabled to reflect on the specificities, composition, and style of each genre. Considering the theoretical assumptions of Antunes (2012), Bakhtin (2016), Marcuschi (2010), and Rojo (2009), the written productions of the students revealed the interference of oral digital genres, taking into account the relationship between marks of orality, culture, and digital literacy. As a result, there was a greater understanding of the relationship between orality and writing, which is often limited to spelling and truncation; this facilitated the teaching of more appropriate lexical choices for each genre, allowing students to navigate between them. This effective engagement led to adjustments in written texts regarding marks of orality and appropriate language use in each situation, as each communicative situation involves diverse objectives related to the use of writing and oral communication.

**Keywords:** scientific vlog; opinion article; digital literacy; orality; writing.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Enunciado da proposta de produção textual.....	42
Quadro 2 – Ocorrências de usos inadequados, marcas de oralidade e expressões próprias de gêneros digitais orais da turma 6º ano A.....	47
Quadro 3 – Ocorrências de usos inadequados, marcas de oralidade e expressões próprias de gêneros digitais orais da turma 6º ano B.....	52
Quadro 4 – Roteiro para o desenvolvimento do vlog científico elaborado pelos alunos do 6º ano com mediação da professora.....	57
Quadro 5 – Manifestações orais dos alunos registradas pela professora durante a atividade.....	59
Quadro 6 – Exercício de reescrita coletiva.....	60
Quadro 7 – Ocorrências de marcas de interação.....	62
Quadro 8 – Manifestação oral da aluna registrada pela professora durante atividade....	65
Quadro 9 – Comentários de internautas.....	68
Quadro 10 – Ocorrências de marcas de oralidade e gírias.....	71
Quadro 11 – Manifestação oral da aluna registrada pela professora durante atividade.....	73
Quadro 12 – Ocorrências de escolhas lexicais.....	74
Quadro 13 – Manifestação oral dos alunos registrada pela professora durante atividade.....	76
Quadro 14 – Ocorrências de construções gramaticais.....	76
Quadro 15 – Enunciado da questão comparativa.....	79
Quadro 16 – Respostas obtidas da turma 6º ano A.....	80
Quadro 17 – Respostas obtidas da turma 6º ano B.....	82

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>1 LETRAMENTO, MULTILETRAMENTO E LETRAMENTO DIGITAL.....</b>	<b>19</b>
<b>2 GÊNEROS DISCURSIVOS: OS GÊNEROS <i>VLOG</i> CIENTÍFICO E ARTIGO DE OPINIÃO.....</b>	<b>23</b>
2.1 O conceito de gêneros do discurso.....	23
2.2 <i>Vlog</i> científico.....	26
2.3 Artigo de opinião.....	27
<b>3 ORALIDADE E SALA DE AULA.....</b>	<b>29</b>
3.1 O trabalho com gêneros orais e escritos: o lugar do <i>vlog</i> científico.....	31
<b>4 O PAPEL DAS ESCOLHAS LEXICAIS NO ARTIGO DE OPINIÃO E NO <i>VLOG</i> CIENTÍFICO.....</b>	<b>34</b>
<b>5 PROPOSTA DE APLICAÇÃO: O PLANO DA SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES.....</b>	<b>41</b>
5.1 Módulo 1 – Artigo de opinião .....	41
5.1.1 Etapa 1 – Apresentação da situação e da proposta .....	41
5.1.2 Etapa 2 – Práticas de leitura de artigo de opinião .....	41
5.1.3 Etapa 3 – Produção individual de artigo de opinião .....	41
5.2 Módulo 2 – <i>Vlog</i> científico .....	42
5.2.1 Etapa 1 – Apresentação da situação e da proposta .....	42
5.2.2 Etapa 2 – Planejamento e roteiro, em grupos, de <i>vlog</i> científico .....	43
5.2.3 Etapa 3 – Produção, em grupos, de <i>vlog</i> científico: gravações .....	43
5.3 Módulo 3 – Atividade comparativa: transitando entre os dois gêneros.....	43
5.3.1 Etapa 1 – Análise de fragmentos, reflexão e hipóteses .....	43
5.3.2 Etapa 2 – Leitura de uma produção de artigo de opinião e exibição dos <i>vlogs</i> científicos produzidos .....	44
5.3.3 Etapa 3 – Comparação entre os gêneros e compreensão .....	44
<b>6 RELATÓRIO DE APLICAÇÃO DA PESQUISA .....</b>	<b>45</b>

<b>7 ANÁLISE DE APLICAÇÃO DA PESQUISA.....</b>	<b>62</b>
7.1 Marcas de interação.....	62
7.1.1 Interferência de revistas de divulgação científica na escrita.....	65
7.1.2 A percepção da interferência de gêneros digitais orais por uma professora <i>tiktoker</i> e por internautas.....	67
7.2 Marcas de oralidade e gírias.....	70
7.3 Escolhas lexicais.....	74
7.4 Construções gramaticais.....	76
7.5 Compreensão pelos alunos.....	78
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>85</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>87</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>90</b>

## APRESENTAÇÃO

Desde a infância, tive contato com as palavras e com os livros, antes mesmo de frequentar a escola, pois sou filha de uma professora. Cresci em um lar onde a leitura e a escrita sempre foram ações valorizadas. Cursei todo o Ensino Fundamental em escolas públicas municipais e estaduais, e o Ensino Médio em uma escola técnica. Em 2013, ingressei na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), no “Instituto de Estudos da Linguagem” (IEL), matriculada no curso de Letras, licenciatura com habilitação em Português.

Ainda em 2013, tive minhas primeiras experiências docentes. Ministrei aulas em dois cursinhos populares preparatórios para as provas de vestibular cujo público-alvo eram os estudantes de baixa renda do ensino público. A maioria dos professores era composta por voluntários e alunos universitários, como o meu caso. Esse primeiro contato como professora, apesar de precoce, foi determinante para que eu soubesse que estava no caminho certo.

Em 2014, tornei-me monitora por meio do “Programa de Apoio Didático” (PAD) nas disciplinas “Leitura e produção de textos acadêmicos I e II”, oferecidas para os estudantes do “Programa de Formação Interdisciplinar Superior” (PROFIS) – curso sequencial de Ensino Superior da UNICAMP, voltado para alunos que cursaram o Ensino Médio em escolas públicas de Campinas. Dei continuidade à monitoria em 2015, tendo duração total de um ano e meio. No segundo semestre e em 2016, participei do “Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência” (PIBID), desenvolvendo o projeto “Diversidade Linguístico-Cultural, Práticas Escolares e Formação Inicial em Letras”. Estagiei em uma escola pública de Campinas e pude vivenciar uma aproximação prática com o cotidiano escolar e com o contexto em que a escola estava inserida. Meu intuito, além de me dedicar ao estágio, era de também me comprometer a, quando graduada, exercer o magistério na rede pública.

Concluí o curso de Letras em 2017, acumulando muitos aprendizados. Os anos da graduação me amadureceram como pessoa e como profissional da educação. Minha colação de grau ocorreu em janeiro de 2018, sendo um momento de muita emoção e sensação de dever cumprido.

Nos anos seguintes, iniciei minha jornada de ministrar aulas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental (Anos Finais), na Rede Municipal de Ensino de

Cajamar e de Santana de Parnaíba, com ingresso por meio de processo seletivo. Nesse período, trabalhei como professora dos 6º, 7º, 8º e 9º anos, tendo assim contato com todas as séries. Também lecionei para o Ensino Médio em uma Escola Técnica (ETEC) de Franco da Rocha. Em 2021, fui aprovada no Concurso Público e me estabeleci na Rede de Ensino de Santana de Parnaíba, trabalhando no “Colégio Municipal André Fernandes”. Atualmente, 2023, continuo na referida escola lecionando para as turmas dos 6º e 7º anos.

Com base na minha trajetória acadêmica e profissional, percebi que os meus propósitos estavam alinhados com os objetivos gerais do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), por isso me inscrevi no processo seletivo. O percurso traçado ao me dedicar à graduação de Letras, aos cursinhos populares, à monitoria do PROFIS, ao PIBID, aos cinco anos ministrando aulas de Língua Portuguesa, predominantemente para o Ensino Fundamental (Anos Finais) em escolas de educação básica da rede pública, e o desejo de continuar trilhando esse mesmo caminho vai ao encontro da finalidade do Mestrado de capacitar professores de Língua Portuguesa para o exercício da docência no Ensino Fundamental, com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino no país. Assim, também em 2022, ingressei no PROFLETRAS na Universidade de São Paulo (USP).

Uma das minhas metas tem sido garantir aos estudantes do Ensino Fundamental da rede pública uma perspectiva de ensino voltada à construção e à reflexão, ao invés de uma metodologia de cunho apenas transmissivo. Enxergo no PROFLETRAS a possibilidade de potencializar essa e outras metas, aprofundando conhecimentos da graduação, ampliando o repertório teórico sobre o ensino de língua e literatura e aperfeiçoando a formação de professora da educação básica. Estou disposta e comprometida a continuar atuando nesse meio para colocar em prática os aprendizados adquiridos até aqui, para refletir com mais precisão sobre o que ensino no cotidiano e para acompanhar de perto as dificuldades e os dilemas enfrentados, adotando ações para tentar solucioná-los, e uma delas é esta dissertação de mestrado.

Ao longo da minha atuação profissional, percebi que o processo de passagem da fala para escrita é cercado pelas marcas de oralidade que frequentemente são empregadas em produções textuais de alunos do Ensino Fundamental (Anos Finais). Entretanto, quando se trata de um gênero textual escrito e de registro mais formal, essas marcas acabam sendo inadequadas, ao contrário de um gênero digital oral e de registro

informal, por exemplo, do qual são características. Nesse sentido, aplicamos uma sequência de atividades aos alunos do 6º ano a fim de comparar e produzir um artigo de opinião e um *vlog* científico, possibilitando aos discentes a reflexão sobre as particularidades, a composição e o estilo de cada um. Espera-se ser viável investigar, por meio da análise do *corpus*, composto por produções dos alunos, a possível interferência de gêneros digitais orais na escrita, levando em consideração a relação entre as marcas de oralidade, as escolhas lexicais, a cultura e o letramento digital, e reconhecendo que a tecnologia é imprescindível na formação dos estudantes.

## INTRODUÇÃO

As novas gerações de alunos estão inseridas em uma cultura digital que promove a interação constante com as tecnologias da informação e da comunicação através da internet, ferramenta que pode facilitar, inclusive, o processo de ensino-aprendizagem. Isso demanda das escolas abordagens inovadoras de ensino que incluam essa cultura digital nas salas de aula, especialmente no cenário atual, que traz ao cotidiano escolar os reflexos da pandemia de Covid-19 e do isolamento social, que culminaram no ensino remoto, em 2020, e híbrido, em 2021.

Ao ministrar a disciplina de Língua Portuguesa remotamente, foram muitos os desafios voltados à formação leitora e escritora dos alunos, e às práticas de linguagem. Foi preciso levar em conta diferentes níveis de dificuldade, ritmos de aprendizagens e acessibilidade à internet, e sobretudo, se reinventar no ensino a distância, reconhecendo a importância da tecnologia e do meio digital. Hoje, os desafios não se mostram menores, visto que é notável o efeito da defasagem escolar e da possível interferência das práticas digitais na escrita dos alunos. Como exemplo, têm-se as falas ouvidas e consumidas por eles em vídeos, *vlogs* ou *podcasts*, nas redes sociais ou em suportes como o *Youtube*, que, aparentemente, são reproduzidas em textos escritos e de registro formal, apresentando-se como marcas de oralidade inadequadas quando se alteram, portanto, os contextos de produção e circulação.

Nesse contexto, apresenta-se como intervenção pedagógica, uma proposta de sequência de atividades cujo tema é a produção<sup>1</sup> de dois gêneros textuais, o artigo de opinião e o *vlog* científico. Foi desenvolvida com as turmas do 6º ano A e B do Ensino Fundamental, compostas por 31 e 30 alunos, respectivamente, no *Colégio Municipal André Fernandes*, localizado no bairro Cento e Vinte do município de Santana de Parnaíba – SP. A pesquisadora é professora da Rede de Ensino Municipal da referida cidade.

Esta pesquisa justifica-se pela necessidade de ensinar ao aluno escolhas linguísticas adequadas a cada gênero, inclusive os digitais, promovendo, por consequência, a reflexão sobre a ampliação do uso da tecnologia na sociedade que impacta também o meio escolar. A Base Nacional Comum Curricular - BNCC

---

<sup>1</sup> As produções podem ser vistas em “Anexos”.

(BRASIL, 2018) contempla essa realidade, tratando a tecnologia como aliada, não como rival. Uma das competências gerais apresentadas no documento se refere a

compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2018, p. 9)

Além disso, uma das habilidades de Língua Portuguesa previstas para o Ensino Fundamental (Anos Finais) é

(EF69LP06) Produzir e publicar (...) artigos de opinião de interesse local ou global (...) e outros textos próprios das formas de expressão das culturas juvenis, tais como *vlogs*, (...) dentre outros em várias mídias, vivenciando de forma significativa o papel de repórter, de comentarista, de analista, de crítico, de editor ou articulista, de *youtuber*, de *vlogger* (vlogueiro) etc., como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos e poder participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo jornalístico e do campo midiático de forma ética e responsável, levando-se em consideração o contexto da Web 2.0, que amplia a possibilidade de circulação desses textos e funde os papéis de leitor e autor, de consumidor e produtor. (BRASIL, 2018, p. 143)

Se há uma incidência, nas produções textuais dos alunos do Ensino Fundamental (Anos Finais), de marcas de oralidade e enunciados semelhantes às expressões e ao discurso empregado em gêneros digitais orais e de registro informal, nossa hipótese é que o crescimento do letramento digital no cotidiano, durante e após período pandêmico, é fator de interferência e influência desses gêneros na escrita dos estudantes. Isso se dá, provavelmente, por desconhecerem os aspectos que caracterizam e diferenciam esses gêneros. Constitui-se a hipótese uma suposta e provisória resposta ao problema, cuja comprovação será verificada através da pesquisa com os alunos, tendo como referencial teórico Antunes (2012) no que se refere às escolhas lexicais, Bakhtin (2016) aos gêneros discursivos, Marcuschi (2010) à oralidade e Rojo (2009) ao letramento.

Essa intervenção tem como objetivo geral contribuir para a ampliação do contato dos alunos do Ensino Fundamental (Anos Finais) com os gêneros textuais *vlog* científico e artigo de opinião para organizar a relação entre oralidade e escrita que costuma ser banalizada e reduzida à ortografia e truncamentos. Assim, também é objetivo a identificação e compreensão, pela pesquisadora, da possível interferência de gêneros digitais orais na escrita. Pretende-se, também, que a pesquisa colabore e engaje para a formação dos estudantes como leitores e como produtores de texto. Essas práticas

atenderão à realidade da atual geração de discentes que, portanto, poderão estabelecer relações entre aquilo que estudam e a sua vida cotidiana. Assim, esse trabalho visa à melhoria do aprendizado significativo, identificando as manifestações da cultura digital. Espera-se que a experiência da proposta em sala de aula possa se aproximar das práticas de letramento do cotidiano dos alunos, de modo a contribuir com a sua formação cidadã e melhor atender a suas necessidades. Quanto ao retorno dos benefícios para a escola e para a comunidade em que estão inseridos, há a expectativa de que haja uma transformação no sentido de que os alunos compartilhem os conhecimentos adquiridos, tornando-se mais ativos para incentivar a comunidade a qual pertencem às práticas de leitura, escrita e oralidade vinculadas à cultura digital.

Os objetivos específicos são levar os alunos a reconhecerem as particularidades, orais e escritas, e os contextos de circulação dos gêneros; a explorarem as escolhas lexicais e outros recursos linguísticos mais adequados; a identificarem o estilo do gênero para compreenderem como se organizam e como os enunciadores se posicionam; e a refletirem sobre o processo de passagem da fala para escrita. Para isso, será proposto o desenvolvimento das produções, em colaboração com os colegas, mantendo fidelidade às características dos gêneros, à temática e utilizando estratégias de planejamento, elaboração e revisão.

Conseqüentemente, outro propósito é fazer com que as atividades estejam integradas de modo que os alunos possam conhecer e transitar entre os dois gêneros textuais, extraindo o máximo de cada um e revelando-se receptivos a textos que rompam com suas expectativas ou que apresentem desafios relacionados às suas experiências anteriores de leitura e escrita. Esse contato efetivo pode propiciar adequações ao texto escrito quanto às marcas de oralidade que podem aparecer, como traços de gírias, abreviações, expressões populares ou comuns em diálogos.

Apresenta-se como método a adoção de uma proposta de sequência de atividades para atingir o corpus desejado, adaptada de Dolz e Schneuwly (2004), cujo tema é a produção de dois gêneros textuais, o artigo de opinião e o *vlog* científico. Assim, será desenvolvida uma pesquisa qualitativa. Trata-se de uma proposta que será executada dentro de um projeto interdisciplinar chamado CIARTEC (Ciências, Artes e Tecnologia), uma iniciativa da Rede de Ensino Municipal de Santana de Parnaíba que ocorre anualmente no segundo semestre. A cada ano é estabelecido um tema geral, nesse caso, no ano de 2022, coincidentemente, o escolhido foi “Como as tecnologias

sustentáveis podem colaborar na melhoria da qualidade de vida?”. A partir disso, cada professor tem autonomia para determinar um subtema, a fim de desenvolvê-lo com as suas turmas, bem como para estabelecer de que maneira construirá cada etapa.

Escolhemos o tema “A transição do papel para o digital”, devido à sua relevância permanente no cenário da cultura digital, marcado tanto pela desmaterialização de documentos, quanto pelo avanço tecnológico. Inseridos nessa temática, há alguns objetivos principais dessa intervenção relacionados com as práticas de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa.

As etapas iniciais consistiram em práticas de leitura de artigos de opinião sobre o referido tema. Depois os alunos assistiram à *vlogs* científicos relacionados ao mesmo assunto. Entre as etapas para a obtenção dos dados a serem analisados na pesquisa estiveram o planejamento e a produção, em grupos, de um *vlog* científico que foi transmitido aos visitantes da CIARTEC no dia do evento, como produto final da sequência. Nela, os alunos tanto foram filmados, quanto gravaram os vídeos sem sua imagem. Os dados foram coletados por meio da câmera de um aparelho celular disponibilizado pela pesquisadora que atuou junto a eles durante as atividades, realizando um acompanhamento contínuo e pontual. As produções escritas pelos alunos individualmente também compõem os dados a serem coletados e analisados, portanto, são objetos de reflexão da pesquisa. Foram observadas, no artigo de opinião, as escolhas lexicais e as marcas de oralidade inadequadas a esse gênero. Por fim, houve uma atividade visando comparar os gêneros e refletir sobre os seus usos.

No entanto, o desenvolvimento dessa metodologia dependia dos recursos tecnológicos, dos recursos multimídias e da rede de internet que, neste caso, já eram disponibilizados na escola para que esse formato de ensino fosse viabilizado com plenitude, diferente de uma escola que não ofereça tais recursos.

No primeiro capítulo da dissertação, será abordado o letramento, sobretudo, o digital. Posteriormente, no segundo, os gêneros discursivos artigo de opinião e *vlog* científico serão definidos e discutidos. Já no terceiro, o assunto tratado será o trabalho com a oralidade e com a escrita nas aulas de português. Em seguida, o quarto capítulo traz reflexões acerca da função das escolhas lexicais em um texto. Finalmente, o quinto, sexto e último capítulo, apresentam, respectivamente, a proposta de sequência de atividades, sua aplicação e a análise dos dados coletados.

## 1. LETRAMENTO, MULTILETRAMENTO E LETRAMENTO DIGITAL

Na sociedade, o *letramento*, segundo Marcuschi (2010), envolve diversas práticas de escrita nas suas variadas formas e contempla desde uma apropriação mínima da escrita, até uma profunda. Assim, o indivíduo que é analfabeto, é letrado na medida em que identifica o valor do dinheiro, o ônibus que deve tomar, faz cálculos, etc. O autor atenta que “letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz uso formal da escrita.” (p. 25)

O termo *letramento* busca realçar as práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita, sejam elas prestigiadas socialmente ou não, envolvendo contextos sociais diversos numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural (ROJO, 2009). Em outras palavras, o letramento não é equivalente à aquisição da escrita. Segundo Soares (1998), “letramento não é simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social”. Tais práticas também ocorrem nas mais diversas atividades do dia a dia. Para Kleiman (2005), práticas de letramento são um conjunto de atividades envolvendo a língua escrita para alcançar determinado objetivo numa determinada situação, associadas aos saberes, às tecnologias e às competências necessárias para a sua realização.”

Além disso, é importante compreender os gêneros em sua relação com as práticas discursivas e sociais. Rojo (2009) afirma que, assim como a leitura, a produção escrita também envolve uma multiplicidade de competências e habilidades desenvolvidas ao longo da educação básica. Para escrever com significação, não basta grafar, é preciso comunicar, adequando o texto à situação de produção, a seus interlocutores-leitores, a seu suporte e veículo, de maneira a atingir suas finalidades. É necessário textualizar, organizando as informações e temas do texto de maneira progressiva e atribuindo-lhe coerência e coesão, levando em conta outros textos e discursos sobre os mesmos temas, para com eles concordar, deles discordar, com eles dialogar. Para cada situação comunicativa, há objetivos diferentes relacionados ao uso da escrita e também da oralidade.

Segundo Marcuschi (2010) “são os usos que fundam a língua e não o contrário, falar ou escrever bem não é ser capaz de adequar-se às regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa dada

situação”. Portanto, o que merece ser focado no trabalho com a produção de texto no âmbito da língua materna parece apontar para práticas plurais culturalmente sensíveis e significativas à formação de cidadãos críticos e protagonistas no espaço social (ROJO, 2008).

Rojo (2009) cita os letramentos dominantes e marginalizados, alertando sobre o desprezo em relação ao último, já que vários dos letramentos com ampla circulação no cotidiano são ignorados e desvalorizados pelas instituições educacionais e, por isso, pouco investigados. Ela exemplifica com o tratamento dado pela escola ao *internetês* ou *bloguês*, e as redes sociais e informais que sustentam práticas letradas. Há uma resistência para aceitar a migração dessa linguagem social da mídia digital para outras esferas de comunicação, as unidades escolares consideram como um desrespeito à língua portuguesa, um vício, um estilo de língua escrita simplificada e carente de regras gramaticais e linguísticas. A autora descarta essa classificação, pois considera, na verdade, uma linguagem social que se adapta à velocidade de escrita dos gêneros digitais em que circula.

Ainda segundo a autora,

podemos dizer que, por efeito da globalização, o mundo mudou muito nas duas últimas décadas. Em termos de exigências de novos letramentos, é especialmente importante destacar as mudanças relativas aos meios de comunicação e à circulação da informação. (ROJO, 2009, p 105).

O acesso às tecnologias digitais da comunicação e da informação (computadores, celulares, etc.) e sua ampliação contínua resultaram em mudanças que se tornam importantes ao se refletir sobre os letramentos, entre elas a circulação da informação que se intensificou e se diversificou nos meios de comunicação digitais, distanciando-se hoje dos meios impressos, causando alterações significativas nas maneiras de ler, de produzir e de circular textos na sociedade. Uma dessas alterações é a multimodalidade que o texto eletrônico proporciona, característica também presente no *vlog científico*.

Diante de tais mudanças, Rojo (2009) afirma ser possível ver a escola de hoje como um local onde convivem letramentos múltiplos e muito diferenciados. Nessa circunstância, trabalhar a leitura e a escrita para o mundo contemporâneo significa dizer que um dos papéis da escola é possibilitar que os alunos participem das várias práticas sociais que se utilizam de letramentos, de modo ético, crítico e democrático. Para isso, é preciso que a educação linguística atenda os multiletramentos, sem ignorar ou apagar os

letramentos das culturas locais e também promovendo o contato com aqueles valorizados, universais e institucionais; e os letramentos multissemióticos exigidos pelos textos contemporâneos, uma vez que o conhecimento e as capacidades relativas à outros meios semióticos se tornam cada vez mais necessários no uso da linguagem tendo em vista os avanços tecnológicos.

Ainda é complexo, conforme a autora, conceituar letramentos múltiplos, porque envolve, além da multimodalidade<sup>2</sup> com origem nas mídias digitais, a multiplicidade de práticas de letramento que circulam em diferentes esferas da sociedade e a multiculturalidade.

É preciso levar em conta o fato de que a linguagem não ocorre em um vácuo social e que, portanto, textos orais e escritos não têm sentido em si mesmos, mas interlocutores (escritores e leitores, por exemplo) situados no mundo social com seus valores constroem seus significados para agir na vida social. Os significados são contextualizados. Essa compreensão é extremamente importante no mundo altamente semiotizado da globalização, uma vez que possibilita situar os discursos a que somos expostos e recuperar sua situacionalidade social ou seu contexto de produção e interpretação: quem escreveu, com que propósito, onde foi publicado, quando, quem era o interlocutor projetado etc. Tal teorização tem uma implicação prática, porque possibilita trabalhar em sala de aula com uma visão de linguagem que fornece artifícios para os alunos aprenderem, na prática escolar, a fazer escolhas éticas entre os discursos em que circulam. (MOITA LOPES, 2004, p.108; *apud* ROJO, 2009).

De acordo com GRUPO NOVA LONDRES (2021), a diversidade, tanto de canais de comunicação e de mídia, quanto cultural e linguística, exige uma visão mais ampla de letramento. Assim, os multiletramentos superam as limitações das abordagens tradicionais, enfatizando como é fundamental para a vida pragmática dos alunos considerar essa multiplicidade.

Os autores também asseguram que o uso da pedagogia dos multiletramentos permite que os alunos alcancem duplamente objetivos de aprendizagem do letramento, uma vez que atende a crescente variedade de formas de texto advindas das tecnologias de informação e de multimídia. Com isso, eles destacam a necessidade de criar as condições de aprendizagem buscando a plena participação social dos alunos em um ambiente cada vez mais globalizado.

A contemporaneidade apresenta exigências à escola que multiplicarão as práticas e textos que nela devem circular e ser abordados. Há a necessidade, hoje, de utilizar as mídias em sala de aula para ir ao encontro dos alunos.

---

<sup>2</sup> Multimodalidade nos textos, coexistência de duas ou mais modalidades, por meio dos quais a multiculturalidade, característica das sociedades globalizadas, se comunica e informa.

Em vez de impedir/disciplinar o uso do *internetês* na internet (e fora dela), posso investigar por que e como esse modo de se expressar por escrito funciona. Em vez de proibir o celular em sala de aula, posso usá-lo para a comunicação, a navegação, a pesquisa, a filmagem e a fotografia. (ROJO, 2012, p 27).

## **2. GÊNEROS DISCURSIVOS: OS GÊNEROS VLOG CIENTÍFICO E ARTIGO DE OPINIÃO**

### **2.1 O conceito de gêneros do discurso**

Alguns conceitos bakhtinianos podem auxiliar nossa reflexão, entre eles o conceito de gêneros do discurso. Bakhtin (2003) afirma que na prática utilizamo-nos sempre dos gêneros discursivos com segurança e destreza, possuímos um vasto repertório dos gêneros orais e escritos, porém podemos ignorar totalmente a sua existência teórica.

De acordo com Bakhtin (2016), a língua é empregada por meio de enunciados, orais e escritos, que refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo por seu conteúdo temático, pelo estilo da linguagem e principalmente por sua construção composicional. Cada enunciado particular é individual, porém cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, chamados gêneros discursivos.

Para ele, é infinita a diversidade de gêneros do discurso, porque a variedade da atividade humana também é, salientando sua extrema heterogeneidade. Essa característica não deve ser minimizada, bem como a consequente dificuldade de definir a natureza geral do enunciado. Há uma diferença, imensa, essencial e não funcional, entre os gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos). Os secundários surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito), e incorporam e reelaboram os primários. Os primários, por sua vez, se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata, em circunstâncias de comunicação verbal espontânea. Por isso que a natureza do enunciado deve ser descoberta e definida por meio da análise de ambas as modalidades; apenas sob essa condição a definição pode vir a ser adequada. Em qualquer corrente de estudo faz-se necessária uma noção precisa da natureza do enunciado em geral e das particularidades dos diversos tipos de enunciados (primários e secundários).

Além disso, o autor admite que o enunciado é um núcleo problemático de grande importância e que é individual, por isso pode refletir a individualidade do falante, ou seja, pode ter estilo individual. Nem todos os gêneros são propícios a isso. As funções e certas condições de comunicação discursiva é que geram determinados

tipos de enunciados. A separação dos estilos em relação aos gêneros manifesta-se na elaboração de uma série de questões históricas. As mudanças históricas dos estilos de linguagem estão indissolúvelmente ligadas às mudanças dos gêneros do discurso.

Para passar da descrição simples (e superficial na maioria dos casos) dos estilos que estão presentes e se alternam para a explicação histórica dessas mudanças faz-se necessária uma elaboração especial da história dos gêneros discursivos (tanto primários quanto secundários), que refletem de modo mais imediato, preciso e flexível todas as mudanças que transcorrem na vida social. Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da Língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos. (BAKHTIN, 2016, p. 20)

A língua escrita é um conjunto dinâmico composto pelos estilos da língua que estão em contínua mudança. Bakhtin (2016) aponta a importância de estudar os gêneros, pois qualquer pesquisa sobre um material linguístico concreto lida com enunciados concretos que se relacionam com as diferentes esferas da atividade e da comunicação. Para ele, é indispensável uma concepção clara da natureza dos enunciados, senão se faz possível a abstração, enfraquecendo o vínculo entre língua e vida.

Bakhtin (2003) considera como errada a estimativa das funções comunicativas da linguagem, principalmente quando se supõe que o locutor esteja sozinho, sem uma forçosa relação com os outros parceiros da comunicação verbal ou quando o papel do outro é tratado apenas como um destinatário passivo. Ainda persistem, na linguística, funções como ‘ouvinte’ e ‘receptor’ que causam uma imagem distorcida do processo complexo da comunicação verbal: "de fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota, simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda, etc." (BAKHTIN, 2003, p. 290). O autor concebe o dialogismo como o princípio constitutivo da linguagem, é o espaço interacional entre o eu e o tu, sujeitos/vozes que dialogam. Portanto, ao se usar ‘ouvinte’ e ‘receptor’, ignora-se o fato de que o enunciatário não recebe apenas, ele é ativo.

Faraco (2009, p. 60) afirma que existe uma grande identificação do pensamento do Círculo de Bakhtin com a metáfora do diálogo, de modo que já se tornou comum designar esse pensamento como dialogismo. No entanto, o autor aponta que “a palavra diálogo (...) tem várias significações sociais, o que pode afetar a recepção do pensamento do Círculo. O próprio Bakhtin (...) criticou, em vários momentos, a ideia de

um dialogismo estreito.” Portanto, o objeto efetivo do dialogismo é formado pelas relações dialógicas mais amplas, variadas e complexas.

Voloshinov (1929) é citado por Faraco (2009), pois ao tratar das expressões verbais, dá destaque à ideia do "tenso combate dialógico" destacando que

De fato, qualquer enunciado concreto, de um modo ou outro ou em um grau ou outro, faz uma declaração de acordo ou de desacordo com alguma coisa. Os contextos não estão apenas justapostos, como se alheios uns aos outros, mas encontram-se num estado de tensão constante, ou de interação e conflitos ininterruptos. (VOLOSHINOV, 1929, p. 80)

No que se refere ao suporte dos gêneros, Marcuschi (2008) afirma que não se pode tratar o gênero sem considerar sua realidade social e sua relação com as atividades humanas. É preciso enxergá-lo não como uma entidade formal, mas como entidade comunicativa. Quando analisa o suporte dos gêneros textuais, Marcuschi (2003) aponta que todo gênero possui um suporte, mas que distinguir um do outro não é simples e identificar o suporte exige cautela. Além disso, o autor afirma que o suporte é fundamental para que o gênero circule na sociedade e pode influenciar na natureza do gênero, embora não o determine. Dessa forma, a discussão sobre o suporte evidencia o processo de circulação social dos gêneros. Quanto aos gêneros orais, o autor acredita que a discussão ainda está no início. Marcuschi (2008) supõe o caso de um livro didático ser tratado como gênero, revelando a dúvida de ser, na verdade, um suporte muito específico por conter textos de variados gêneros. Assim, o autor defende a posição de que o livro didático é um suporte. Nesta pesquisa, assumimos o *vlog* científico como um gênero, assim como adotado na BNCC (BRASIL, 2018), embora alguns o considerem um suporte por também poder apresentar, não comumente, textos de outros gêneros em sua composição.

Para Cunha (2010, p. 166), “os gêneros da mídia têm sido objeto de inúmeras descrições nos últimos anos, com uma grande diversidade de enfoques em função do instrumental teórico adotado. A escola também passou a estudá-los com o objetivo de formar leitores críticos e construtores dos diversos textos que circulam na sociedade”. Como observam Branco e Luna (2013), a internet se configura como o berço de novos gêneros textuais, caracterizados pelos recursos semióticos que podem ser mobilizados no seu desenvolvimento; muitos desses gêneros são passageiros e ultrapassados devido ao surgimento de novos gêneros. Segundo as autoras, o *vlog* aparenta ser um desses gêneros textuais da mídia que ascendeu e se popularizou entre internautas de todas as idades.

## 2.2 Vlog científico

O *vlog* é uma espécie de *blog*<sup>3</sup> em vídeo que aborda temáticas diversas. Embora já constasse no Brasil desde 2003, difundiu-se de fato no país em 2010. Pode se apresentar em variados formatos, entre eles, o *vlog* científico que é aquele que tem a finalidade de divulgar os resultados de uma pesquisa e os conhecimentos científicos. Ao invés de utilizar a escrita para se expressar, os autores, ou seja, os *vloggers* contam com o apoio da exposição oral, em linguagem objetiva e dinâmica. Por ser um gênero que advém das novas mídias digitais, apresenta variedade de registro, sendo comum o uso do registro informal. Por isso oferece possibilidade de democratização e disseminação da informação.

É impossível definir a longevidade do *vlog*, de acordo com Branco e Luna (2013), no entanto, sua popularização é crescente e ainda não demonstra desgastes, provavelmente porque oferece uma ampliação, se comparado ao *blog*, ao mobilizar mais recursos semióticos. “No *blog* apenas a utilização de textos e imagens são permitidos; enquanto que no *vlog* filmagem, texto, fotos, áudio, efeitos visuais e de corte se combinam para conceber o produto final em vídeo”. (BRANCO; LUNA, 2013, p.43)

O suporte para os *vlogs* e *vlogs* científicos costuma ser o *YouTube*. Criado em 2005, é uma plataforma de compartilhamento de vídeos online que os dissemina facilmente. Muitos *youtubers* são *vloggers*, também chamados *vlogueiros* e, ao longo do tempo, consolidaram uma linguagem própria, que emprega, por exemplo, a fala em primeira e terceira pessoas, e escolhas lexicais informais, aquelas utilizadas em situações descontraídas, quando há proximidade entre os falantes. Além disso, analisando o aspecto conversacional, é possível constatar a possibilidade de “levantar ações que podem ser desenvolvidas pelos visualizadores estabelecendo uma ponte direta entre enunciador e ouvinte” (LIMA; LUNA, 2012, p. 8). Conforme Branco e Luna (2013, p. 44), “a dinamicidade, a falta de censura, a irreverência e a brevidade dos vídeos (entre 5 a 15 minutos) atraem principalmente o público jovem, que vê neste gênero uma oportunidade de se fazer ver e ouvir”.

---

<sup>3</sup> O *blog* é um gênero digital escrito e multissemiótico de grande circulação na internet. O termo, de origem inglesa, é uma abreviação de “web log”: web (rede) e log (registro; diário).

### 2.3 Artigo de opinião

O ensino de gêneros textuais argumentativos é desafiador no Ensino Fundamental (Anos Finais), mas muito necessário. Dentre eles, o artigo de opinião se mostra um grande aliado para o desenvolvimento discursivo e crítico dos alunos, tanto em sala de aula, quanto em seu próprio contexto social.

Silveira (2018) propõe que o gênero artigo de opinião, se produzido em um contexto simulado, pode ter seus passos modificados por essa razão. Assim, a autora aponta que possíveis semelhanças com a redação escolar, por ser um gênero mais familiar de grande parte dos alunos, podem surgir ao produzirem um artigo de opinião. Suscintamente, Silveira (2018) aponta o contexto de situação real do artigo de opinião. Para ela, ele é geralmente produzido após algum fato relevante ou polêmico na sociedade, que tenha despertado no articulista a necessidade de se posicionar e defender essa posição através da argumentação, buscando influenciar e provocar a adesão dos leitores à tese defendida. Pode ser publicado em jornais ou revistas impressas ou online, em blogs ou sites pessoais e institucionais. Rojo (2000) também apresenta uma definição para o gênero.

O artigo de opinião é um gênero de discurso em que se busca convencer o outro de uma determinada ideia, influenciá-lo, transformar os seus valores por meio de um processo de argumentação a favor de uma determinada posição assumida pelo produtor e de refutação de possíveis opiniões divergentes. É um processo que prevê uma operação constante de sustentação das afirmações realizadas, por meio da apresentação de dados consistentes, que possam convencer o interlocutor (BRAKLING, 1998, *apud* ROJO, 2000, p.226).

Cunha (2010) afirma que o artigo de opinião é fundamentalmente dialógico, é um texto argumentativo em que um autor expõe seu ponto de vista, usando dêiticos, a escrita em primeira pessoa e o presente do indicativo como tempo de base. O autor de um artigo de opinião também pode usar a narrativa como estratégia para argumentar, escrever em terceira pessoa e inserir citações para dar objetividade aos argumentos e para sustentar seu posicionamento.

O artigo de opinião é constituído de outros discursos sobre os fatos comentados e de antecipações das objeções do leitor, para fazer aderir ao seu ponto de vista e para criticar os outros com os quais mantém uma relação de conflito. Tudo isso comprova que o texto é o lugar de circulação de discursos, mostrados ou não, e o sujeito não é a fonte do sentido, mas o constrói no trabalho incessante com o já-dito. (CUNHA, 2010, p. 179)

A análise de Cunha (2010) aponta para uma “necessidade de se trabalhar na escola com o funcionamento dialógico dos gêneros da mídia. Sabe-se, depois de Bakhtin (2003), que a palavra é habitada pela voz de outrem e carregada de sentidos diferentes, em função dos gêneros e das situações.” (p. 179)

O artigo de opinião já aparece no material didático de Língua Portuguesa utilizado na Rede Municipal de Santana de Parnaíba e, no próprio material, apresenta-se a observação de que o gênero não será trabalhado exaustivamente no 6º ano, recomendação que será seguida neste trabalho. Porém, por habitualmente compor o material didático de outros componentes curriculares, considera-se importante introduzir o aluno na leitura e análise da composição desse gênero, bem como no estudo da forma como é feita a argumentação ao longo dos parágrafos.

O artigo de opinião é um conteúdo que aparece em movimento espiral ao longo do Ensino Fundamental (Anos Finais), o que significa que, nos anos mais avançados, retorna com maior nível de profundidade. De acordo com Dolz e Schneuwly (2004), uma progressão "em espiral" garante melhor domínio do mesmo gênero em diferentes níveis e remete a um ensino da diversidade textual; o que varia de um nível para outro, são os objetivos limitados a serem atingidos: as dimensões trabalhadas, a complexidade dos conteúdos e as exigências quanto ao tamanho e ao acabamento do texto.

Conforme os autores, é possível justificar a escolha dos gêneros tratados de acordo com os ciclos/séries através da ideia de que a aprendizagem não é uma consequência do desenvolvimento, ao contrário, é uma condição para este. É o processo de ensino-aprendizagem de diferentes gêneros, iniciado precocemente, graduados no tempo de acordo com objetivos limitados e realizados em momentos propícios, ou seja, com a intervenção do professor e as interações com outros alunos, que ativa o desenvolvimento da oralidade e da escrita. Assim, para eles, a aprendizagem precoce de um gênero pode assegurar o seu domínio ao longo do tempo. Por isso a necessidade e a importância do contato dos alunos com o artigo de opinião já durante o 6º ano do Ensino Fundamental (Anos Finais).

Produzir textos é um processo complexo. A aprendizagem de tal conhecimento é lenta e longa. Para assegurar o domínio dos principais gêneros no final do ensino fundamental, propõe-se uma iniciação precoce, com objetivos adaptados às primeiras etapas. Não se trata, evidentemente, de levar os menores a fazer o que estava anteriormente previsto para os maiores. A retomada dos mesmos gêneros, em etapas posteriores, é importante para observar-se o efeito do ensino a longo prazo e para assegurar uma construção contínua. Os comportamentos complexos exigem tempo. (DOLZ E SCHNEUWLY, 2004, p. 125).

### 3. ORALIDADE E SALA DE AULA

Marcuschi (2010, p. 25) define a oralidade e também a fala. Para o autor a primeira “seria uma prática social para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal a mais formal, nos mais variados contextos.” Já a segunda seria uma forma de produção textual-discursiva com propósito comunicativo no plano da oralidade, caracterizando-se pelo uso da língua em sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos, além dos aspectos prosódicos, envolvendo também outros recursos expressivos, como a gestualidade.

Para Fávero, Andrade e Aquino (2000) parece consenso que a língua falada deve ocupar uma posição de destaque no ensino de língua e há duas razões para isso. A primeira é o fato de os alunos chegarem à escola já sabendo falar e dominar, em sua essência, a gramática. A segunda é a constatação de que a fala influencia muito a escrita nos primeiros anos escolares, principalmente na representação gráfica de sons. Nesse sentido, conforme as autoras, o ensino da oralidade não pode ser tratado isoladamente, ou seja, sem relação com a escrita, porque elas mantêm entre si relações mútuas e permutáveis.

Por conter um volume considerável de elementos pragmáticos (pausas, hesitações, alongamentos de vogais e consoantes, repetições, ênfases, truncamentos, entre outros), a língua falada foi considerada durante muito tempo, até meados da década de 1960, como o lugar do “caos”. Entretanto, com o surgimento dos estudos do texto, o enfoque vai deixando de fixar-se apenas no produto e se desloca para o processo. A linguagem deixa de ser vista como mera verbalização e passa a ser incorporada, nas análises textuais, a observação das condições de produção de cada atividade interacional. (FÁVERO, ANDRADE E AQUINO, 2000, p.15)

Bentes (2010) aborda alguns pontos de partida para o trabalho com a oralidade em sala de aula, assumindo que as práticas e gêneros a ela ligados são imprescindíveis para desenvolver as competências linguísticas e comunicativas dos alunos, principalmente, os do ensino fundamental. Para a autora, nesse contexto, ainda restam dúvidas para os professores de Língua Portuguesa a respeito da adoção dos princípios teórico-metodológicos e da escolha de práticas e gêneros orais para serem explorados na escola que evitem um possível “conflito de interesses” entre o trabalho com o oral e a escrita.

Para Bentes (2010), a natureza da oralidade é complexa e amplamente simbólica e semiótica, pois é constituída de significação e de múltiplos recursos. As produções discursivas orais, sejam elas à distância ou face a face, formais ou informais, planejadas ou não, fornecem ao outro informações sobre a identidade social e o nível de amplitude da competência comunicativa do falante com públicos e em situações diferentes. Ao falar, pode-se utilizar determinada entoação, pronúncia de sons, ritmo, produzindo diferentes números de pausas e hesitações. Esses aspectos podem ser mobilizados mais ou menos conscientemente, em função dos interlocutores e do contexto social no qual uma produção discursiva está inserida.

É interessante pensar que, nos espaços virtuais, como em chats ou salas de bate-papo na internet, os interlocutores, em contato por um canal eletrônico - o computador -, ao escreverem suas mensagens, sentem-se e comportam-se como se estivessem falando. É exatamente por isso que, nesse tipo de comunicação mediada, os aspectos suprasegmentais são incorporados à escrita digital por meio de convenções diferenciadas, tais como o uso de letras maiúsculas para indicar aumento de tom de voz no trecho representado por esse tipo de fonte. (BENTES, 2010, p. 132)

De acordo com a autora, pode-se considerar que todos esses aspectos representam uma parte significativa da diversidade linguística. Esta, por sua vez, funciona como um recurso comunicativo nas interações verbais do cotidiano, então a manipulação desses aspectos é feita pelos falantes de forma estratégica para atingir certos objetivos comunicativos. Os professores, portanto, precisam fazer com que os alunos reflitam com mais frequência e de maneira mais crítica sobre essas manipulações estratégicas. Tal observação contínua e crítica pode levar à compreensão de como os modos de fala podem ser transformados em recursos importantes para o envolvimento conversacional, para a persuasão e para a imagem que se quer passar para um público. Pode contribuir, ainda, para inserir e manter os sujeitos em diferentes esferas sociais e, como consequência, para ampliar suas competências comunicativa, social e interacional.

Ainda segundo Bentes (2010), a oralidade não pode ser considerada somente um conjunto de práticas que tem por objetivo maior a transmissão por meio sonoro; deve-se considerar também a perspectiva visual, isto é, o conjunto de linguagens que ocorrem simultaneamente a fala: os gestos, a postura corporal, a expressão facial e o direcionamento do olhar. Dessa forma, em interações face a face ou mediadas (por meio do computador, por exemplo), utiliza-se dessas outras linguagens para manter ou modificar a interação e os sentidos produzidos. Além disso, a pronúncia de cada som e

os aspectos prosódicos podem ser considerados importantes recursos comunicativos e estilísticos disponíveis aos falantes.

A partir das observações de Goulart (2005, *apud* BENTES, 2010) em uma mesma sala de aula, os estudantes podem mostrar diferentes competências relacionadas à consciente manipulação de seus modos de falar. Tais modos podem ser trabalhados como importantes recursos comunicativos nas atividades com os gêneros orais. Porém, somente se os alunos forem levados a ter a consciência da tomada da palavra, seja para variados públicos, ambientes e objetivos. Isso pode implicar na ampliação das competências comunicativas dos alunos.

Assim, para a autora, cabe à escola incentivar os sujeitos a adquirirem uma percepção cada vez mais consciente da produção discursiva oral em diferentes contextos. Esse incentivo pode levar os alunos a modificarem suas práticas orais. Além disso, a escola deve também oferecer possibilidades para o exercício da oralidade e estabelecer os contextos, as motivações e as finalidades, na sala de aula e fora dela. Não se deve trabalhar o oral de forma unidirecional, isto é, apenas como ponto de partida para se chegar à produção escrita, principalmente de textos escritos em língua culta.

### **3.1 O trabalho com gêneros orais e escritos: o lugar do *vlog* científico**

Fávero, Andrade e Aquino (2000, p. 10) afirmam que “historicamente, a escrita, sobretudo, a literária, sempre foi considerada a verdadeira forma de linguagem, e a fala, instável, não podendo construir objeto de estudo. Essa postura só começou a mudar no século passado.” Marcuschi (2010) destaca que os estudos sobre a relação entre língua falada e escrita intensificaram-se. Embora os resultados das investigações sejam ainda limitados e dispersos, vêm mostrando que a questão é complexa e variada.

O autor também alerta para o fato de que “já não se podem observar satisfatoriamente as semelhanças e diferenças entre fala e escrita (...) sem considerar a distribuição de seus usos na vida cotidiana”. (p.15) Para ele, em certo sentido, a distinção entre ambos contempla aspectos formais, estruturais e semiológicos, isto é, os modos de representar a língua em sua condição de códigos. Neste caso, são os aspectos sonoro e gráfico que contam de modo essencial.

A visão dicotômica da relação entre fala e escrita não mais se sustenta. O certo é que a escrita não representa a fala, seja sob que ângulo for que a observarmos. Justamente pelo fato de fala e escrita não se recobrirem

podemos relacioná-las, compará-las, mas não em termos de superioridade ou inferioridade. Fala e escrita são diferentes, mas as diferenças não são polares e sim graduais e contínuas. São duas alternativas de atualização da língua nas atividades sociointerativas diárias (MARCUSCHI, 2010, p. 46)

Dolz e Schneuwly (2004) evidenciam diferenças entre o trabalho com gêneros orais ou escritos, destacando algumas delas. A primeira refere-se à possibilidade de revisão. Na escrita, o texto pode ser considerado como um objeto a ser retrabalhado, ele permanece provisório enquanto estiver submetido ao trabalho de reescrita. Já a produção de um texto oral é diferente, pois a palavra é pronunciada definitivamente. Com isso, o autocontrole deve ser realizado durante a produção, o que é possível apenas numa certa medida. Por isso, é necessária a preparação da fala por meio da escrita e da memorização, considerando o texto oral como o produto de uma preparação estudada que não supõe mais do que variações devidas aos imprevistos da comunicação. “De certa maneira, a fala é corrigida antecipadamente, numa atividade de preparação intensa, cujos instrumentos o aluno deve aprender a dominar”. (DOLZ E SCHNEUWLY, 2004, p. 112)

A segunda diferença trata da observação do próprio comportamento. O texto escrito pode ser considerado como uma forma permanente e exteriorizada do próprio comportamento de linguagem que se torna, de certa maneira, observável. Assim, é possível a reflexão sobre a maneira de escrever um texto.

Também existe na oralidade um processo de exteriorização, mas o objeto produzido, o texto oral, desaparece, não sendo viável uma análise posterior para se observar seu funcionamento. O único procedimento que viabiliza o comportamento observável é a gravação, que transforma a fala em um objeto que o produtor ou o ouvinte podem escutar novamente e que pode ser, eventualmente, transcrito. Logo, o gravador é instrumento indispensável no ensino da expressão oral.

Ao tratar do lugar do *vlog* entre o oral e o escrito, é importante compreender que ele é produzido na escrita e divulgado na fala, pois “ao contrário da maior deliberação da fala para a escrita existente nos demais gêneros digitais, com os *vlogs* existe uma dedicação de se conceber a escrita para a fala” (LIMA; LUNA, 2012, p. 6). A fala e a escrita ocupam um lugar muito importante em nossas possibilidades de comunicação. Em uma sociedade em que a escrita exerce forte influência como transmissora de conhecimentos, Marcuschi (2010, p. 83) afirma que a presença da escrita permeia atualmente quase todas as práticas sociais, apesar de criada pelo engenho humano

tardiamente se comparado ao surgimento da oralidade. De acordo com o autor, “os desvios ortográficos por transcrição da fala ocorrem quando a escrita é motivada pela pronúncia em função do estudante imaginar que a escrita é uma mera representação da fala, quando, na verdade, ambas são formas contextualizadas de representar a língua.”

Marcuschi (2010) afirma que as produções discursivas orais estão situadas no campo da oralidade, ou seja, contemplam uma diversidade de práticas, gêneros e de processos de produção de textos. O autor aponta que as diferenças entre fala e escrita não podem ser vistas em termos de separações estanques e sim em termos contínuos ou graduais. Com isso, algumas práticas, embora orais, são mais profundamente influenciadas pela escrita, e outras, apesar de escritas, pela fala. Uma das ideias do autor, quando consideradas as relações entre fala e escrita, é a *retextualização*, isto é, a transformação de um texto em outro texto.

Para Câmara Jr (2019 [1970], p. 38), a escrita se manifesta em condições muito diferentes da oralidade. O autor justifica exemplificando que muitos estudantes que falam com eloquência, são desoladores quando estão com um lápis em mãos. “A fala se desdobra numa situação concreta, sob o estímulo de um falante ou vários (...), bem individualizados. Uma ou outra coisa desaparecem da língua escrita”. Essa é, para ele, uma primeira e profunda diferença entre os dois tipos de comunicação linguística. Bortoni-Ricardo (2004), ao escrever sobre educação em língua materna, adverte que

Erros de português são simplesmente diferenças entre variedades da língua. Com frequência, essas diferenças se apresentam entre a variedade usada no domínio do lar, onde predomina uma cultura de oralidade, em relações permeadas pelo afeto e informalidade [...] e culturas de letramento, como a que é cultivada na escola. (BORTONI-RICARDO 2004, p. 37).

#### 4. O PAPEL DAS ESCOLHAS LEXICAIS NA PRODUÇÃO DE ENUNCIADOS

Para Biderman (1996, p. 187), o léxico de uma língua é “o lugar que armazena significação e conteúdos significantes da linguagem humana”. Conforme a autora é uma forma de registro do conhecimento do universo, o homem nomeia os referentes e assim os classifica. O léxico das línguas naturais foi e é gerado por esse processo de nomeação, isto é, por meio de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizado em signos linguísticos, as palavras. Com isso, ela afirma que, ao associar palavras a conceitos que simbolizam os referentes, o homem desenvolveu uma estratégia engenhosa.

Biderman (1998, p. 117) também afirma ser necessário admitir que uma língua constitui uma forma de representação da realidade, principalmente o léxico; no entanto, é complicado comprovar experimentalmente como esse relativismo linguístico opera. “De fato, a significação se origina e lança as suas raízes no universo cognoscível, interpretado e simbolizado por palavras. E o conjunto dessas palavras vem a ser o léxico da língua”. De acordo com Castilho (2012, p. 110), o léxico é o “conjunto de categorias cognitivas e traços derivados que são representados nas palavras por meio da lexicalização. A lexicalização é a criação das palavras em que expressamos essas categorias e seus traços semânticos.” Segundo Perini, “é uma longa lista onde se armazena a informação idiossincrática (ou seja, não redutível a regras gerais) da língua.” (p.343) Já nas gramáticas normativas, quase não se encontra o tratamento dado ao léxico, pois não abordam esse campo com plenitude.

Para Martins (2003), os aspectos expressivos das palavras ligados aos seus componentes semânticos e morfológicos, que não podem ser separados por completo dos aspectos sintáticos e contextuais, são estudados pela estilística léxica ou da palavra. Além disso, a autora aponta que os atos de fala são resultados da combinação de palavras segundo as regras da língua. Léxico e gramática só se separam teoricamente, uma vez que as palavras apenas funcionam no enunciado ao agregar um componente gramatical.

Ainda segundo Martins (2003), as palavras lexicais, também denominadas lexicográficas, despertam uma representação, elas têm significação extralinguística, pois remetem a algo que está fora da língua e que participa do mundo físico, psíquico ou social. São indetermináveis em números, porque se formam novas palavras ou se

tomam emprestadas algumas de outras línguas constantemente, enquanto outras deixam de ser usadas. Para a autora, as palavras lexicais são consideradas “inventário aberto” devido justamente a essa possibilidade frequente de renovação do léxico de uma língua.

Antunes (2012) constata que, nas aulas de Língua Portuguesa, a dedicação atribuída ao estudo do léxico também é breve e insuficiente, pois é visto de forma secundária, prejudicando o seu estudo e ensino. Percebe-se que o Livro Didático, principalmente o do Ensino Fundamental, explora de forma reduzida e superficial as questões do vocabulário; o léxico é tratado de modo marginalizado. Além disso, de acordo com a autora, ele tem sido visto em atividades à volta de palavras e frases isoladas e não como elemento da composição de um texto.

Para Antunes (2012), tanto o sistema lexical da língua quanto os contextos de sua atualização discursiva definem os sentidos das palavras, assim, elas são também suscetíveis de sofrer variações dependendo das situações de interação. A autora questiona as razões e critérios pelos quais são escolhidas determinadas palavras para compor um texto, ao passo que outras são excluídas. Motivada por esse e outros questionamentos, ela aponta elementos que condicionam a seleção do vocabulário em um determinado texto.

O primeiro elemento que orienta a seleção das palavras para compor um texto é o que se tem a dizer, ou seja, o tema a ser tratado. Em seguida, é a intenção com que os sentidos são expressos. Assim, são determinantes para a escolha das palavras tanto “o que”, como “para que” se diz. O gênero textual é considerado pela autora como o próximo elemento, pois cada gênero já delimita a seleção das palavras, excluindo o uso de algumas e presumindo a escolha de outras. Conforme Antunes (2012, p. 55), “igualmente, o suporte (...) também entra na definição do vocabulário. Um artigo de opinião, a ser publicado em um jornal diário, apresenta diferenças lexicais sensíveis de um outro para constar em uma revista científica.”

Outro elemento que influencia a decisão de quais palavras empregar em um texto é a modalidade de uso da língua, oral ou escrita. Os textos escritos e os orais apresentam uma seleção vocabular bem distinta, embora tratem do mesmo tema e se dirijam aos mesmos interlocutores. “A competência de escrever - com as palavras certas para os lugares certos - não se desenvolve em experiências de oralidade; somente pode ser conseguida e ampliada em atividades de escrever”. (ANTUNES, 2012, p. 56) No entanto, a produção de alguns gêneros orais mais monitorados, que vão além da

conversação coloquial, exige a experiência concreta de realizá-los. Em ambos os casos, a prática é que oferece resultados positivos, desde que seja persistente, planejada e revisada.

Relacionado à modalidade, está o nível de formalidade do texto, mais formal ou mais informal, sendo este outro elemento referido pela autora. É consensual a ideia de que toda interação verbal é contextualizada, a conexão esperada entre texto e contexto também se expressa pela adequação do nível de formalidade das palavras. Palavras menos comuns, mais técnicas e específicas de certa área respondem às exigências de uma situação mais formal, por exemplo.

Salvo algumas poucas exceções, a fala comporta um pouco mais de informalidade que a escrita. As regras de uso da língua devem ser propostas considerando-se essas diferenças entre os níveis de formalidade da fala e da escrita. Em muitas atividades de algumas escolas, a 'língua' que se estuda (ou que se treina, na maioria das vezes) parece não ser nem oral nem escrita; parece ser uma coisa amorfa, uma coisa 'intemporal', sem origem nem destino. (...) As palavras se desnudam de seus sentidos e de suas funções. (ANTUNES, 2012, p. 57)

Os elementos enumerados pela autora, desde os sentidos e intenções até os contextos e situações sociais em que a atividade discursiva se insere, interdependem-se e no uso da linguagem diluem-se em um todo. No entanto, nas atividades de estudo da língua, pode-se considerá-los separadamente, desde que seja oportunizada aos alunos a compreensão das funções de cada um para o êxito da totalidade: a interação.

Uma das certezas de Antunes (2012) é que muitos de nossos conceitos sobre língua e linguagem devem ser revistos e remanejados. Todas as suas considerações contribuem para as reflexões a respeito da seleção de palavras feitas pelos alunos do Ensino Fundamental (Anos finais) ao produzirem artigo de opinião e *vlog* científico, principalmente aquelas sobre os dois últimos elementos, a modalidade e o nível de formalidade, embora todos sejam determinantes.

Sobre escolhas lexicais, Martins (2003) afirma que dentre uma imensidão de palavras com mesmo valor referencial, há a possibilidade de escolha daquela que, por determinada peculiaridade, mais se ajusta ao pensamento e ao contexto em que será inserida. Ela também revela a admiração existente sobre o ajuste vocabular de um texto, sem que haja noção da dificuldade que certo autor enfrentou com as palavras para alcançar um resultado satisfatório.

De acordo com Gil (2022, p. 102), o léxico é o módulo da língua mais voltado à experiência, se relaciona com as vivências, as variadas formas de ser e de interagir com

quem e de quem falamos. Para a autora, que defende o ensino do léxico articulado aos eixos da gramática a fim de colaborar para a construção da competência lexical do aluno, “vale mais (...) conhecer vários empregos de uma mesma palavra, com a identificação de cada situação de comunicação, do que acumular uma lista de itens lexicais e um significado único correspondente a cada um”, demonstrando que a palavra não se limita ao seu conteúdo semântico.

Assim, segundo Gil (2022, p. 110), “ampliar o vocabulário, (...) não significa aumentar a quantidade de signos conhecidos, mas saber empregar o léxico, o que define uma dimensão discursiva do vocabulário.” Bakhtin (2003, p. 313) afirma que “as significações lexicográficas das palavras garantem sua utilização comum/compreensão mútua, mas a utilização da palavra na comunicação verbal ativa é marcada pela individualidade e pelo contexto”.

À luz destes pressupostos, é possível refletir a respeito do papel das escolhas lexicais em gêneros como o *vlog* científico e o artigo de opinião. Ainda para Gil (2022, p. 116), é por meio do texto que se pode observar, através das atividades epilinguísticas, o uso dos recursos da língua feito pelos usuários, sendo o espaço em que a unidade lexical atualizará suas potencialidades. “O texto deve ser o local privilegiado para que se analisem critérios de escolha das formas do dizer e seus efeitos de sentido”.

Gil (2022) também aponta a necessidade de considerar como uma escolha léxico-gramatical cria determinado efeito de sentido diante da análise da seleção das formas do dizer e seus efeitos de sentido em um texto. O enunciador também escolhe em outros enunciados já vistos (ou previstos) concordando, contrariando total ou parcialmente, ou ampliando o dito. Sua escolha transparece essa mescla dele com o outro. “Na sala de aula poderão ser observados esses movimentos do enunciador ao realizar suas escolhas”. (GIL, 2022, p. 112)

Nas aulas de língua portuguesa, conforme a autora, o professor deve enfatizar a exploração de recursos linguísticos, visando a autonomia dos alunos para lidar com as possibilidades da língua em sua produção de leitura e de escrita. O ensino do léxico, portanto, deve priorizar a visão do estudante para a experiência humana no mundo, respeitando a diversidade que apresenta. O enunciador atua em um mundo dialógico; suas escolhas léxico-gramaticais constroem o diálogo e é a partir dessa interação que os recursos léxico-gramaticais se atualizam, contribuindo para a composição de inúmeras possibilidades do dizer.

É importante a reflexão sobre o papel das escolhas lexicais, nesta pesquisa, para buscar compreender as escolhas feitas pelos alunos do Ensino Fundamental (Anos Finais) ao produzirem textos escritos e de registro mais formal, pois muitas vezes elas acabam sendo inadequadas e podem ser influenciadas por gêneros digitais orais. Assim, se faz necessária a abordagem da adequação vocabular e da substituição de palavras, que possam tornar um texto mais formal ou informal.

Quando discute sobre as dificuldades no uso adequado de vocabulário em textos escolares escritos, isto é, dificuldades que aprendizes da escrita formal apresentam no uso de unidades lexicais adequadas aos textos propostos, Bezerra (2000) afirma que dominar o léxico é necessário para a ampliação da capacidade de prever e/ou criar a coerência do texto oral ou escrito. Em sala de aula, embora as atividades de vocabulário sejam reduzidas, aparecem, principalmente, na leitura e na produção de textos diversos, passando pela conversa informal entre os interlocutores. Para Bezerra (2000, p. 220), “apesar dessa presença constante, o estudo de vocabulário nas aulas de português do ensino fundamental e médio não considera o texto como um todo e menos ainda a relação entre o oral e o escrito, em registros variados”. Em relação à produção textual, a autora aponta que ela requer uma seleção lexical adequada ao assunto tratado, ao gênero textual e a seu grau de formalidade, argumentando que essa adequação pode não ser difícil para o escritor proficiente, entretanto, para o aprendiz, é desafiadora.

O tratamento lexical dado ao texto (...) pode contribuir para que os textos escritos por alunos apresentem características que os aproximam mais do texto informal, coloquial do que do formal (que a escola procura ensinar), provavelmente porque reconhecem que através do texto se dá a interação e que, em situação autêntica de uso da língua, recorrem à coloquialidade (que dominam bem). (BEZERRA, 2000, p. 220)

Para Bezerra (2000) ao considerar a fala e a escrita como fatos especificamente linguísticos, verifica-se que estudá-las é distinguir duas modalidades de uso da língua, enfatizando as diferenças. Consequentemente, para o ensino, haverá a prescrição: a escrita deve ser padrão, formal; enquanto a fala é informal. Como a aprendizagem da língua escrita se dá no ensino formal, institucional, e a avaliação da fala se faz por meio de padrões da escrita, a escrita passa a ser valorizada em detrimento da fala. No entanto, ao considerá-las como práticas sociais, verifica-se que estudá-las pode ser observar, em ambas, as variações linguísticas e suas implicações para o ensino formal.

A autora defende uma perspectiva de ensino que favoreça a compreensão e uso efetivo das variações, incluindo a norma padrão, que, embora baseada em critérios

político-ideológicos, é relevante para a formação dos alunos, pois possibilita a comunicação entre membros de comunidades de fala diferentes e o registro da produção cultural da sociedade. Ensiná-la na escola, portanto, torna-se importante, desde que seja através de situações autênticas de uso, em que os alunos percebam que há graus de informalidade ou formalidade tanto na modalidade falada como na escrita.

Há situações em que o adequado é o registro informal (oral ou escrito; por exemplo, uma conversa ou um bilhete para um amigo) e em outras, é o registro formal (também oral ou escrito; por exemplo, uma conferência ou um jornal). No entanto o que vemos nas escolas é que o ensino do texto ainda não expandiu seus limites puramente linguísticos (cuidados com grafia, concordância, pontuação, encadeamento dos parágrafos...) ou tipológicos (narrativas, predominantemente). E o que podemos ver são textos escolares extremamente informais, do tipo conversação face-a-face, que envolve intercâmbio, através de elementos linguísticos e paralinguísticos no processo comunicativo, e a interação é imediata. (BEZERRA, 2000, p. 221)

No que se refere aos aprendizes da escrita formal que não convivem em ambientes letrados, Bezerra (2000) destaca que seus textos refletirão marcas de textos informais, com os quais têm mais contato. Assim, a seleção de palavras refletirá as práticas sociais, os valores e crenças do grupo a que pertencem e, dessa forma, não estará de acordo com registros linguísticos adequados às situações comunicativas.

A autora prevê mudanças em curso, pois a pouca prática de escrita associada à de leitura, a perda de poder do texto impresso em papel, nos modelos tradicionais em favor do texto oral e informal, e o desconhecimento do registro formal contribuem para a implantação de mudanças em tipos e gêneros textuais. Em todos os estágios do desenvolvimento da língua, as novas formas entram em concorrência com as antigas, para Bezerra (2000, p. 229) “as mudanças, frequentemente, originam-se dos usos coloquiais não consagrados pela norma padrão, de modo que a correção de uma época, muitas vezes, corresponde apenas à consagração de incorreções da época precedente”.

Assim, diante de tantas produções textuais de alunos do ensino fundamental, que se aproximam mais do oral informal do que do escrito formal, não comprometendo sua legibilidade, Bezerra (2000) questiona se esse não será o modelo que se estabelecerá, para atender as exigências da nova época. Ainda hoje, 2023, o que se percebe é de fato o estabelecimento desse modelo, sobretudo, considerando a influência das práticas digitais na escrita. A autora conclui que a escrita resiste mais em aceitar transformações advindas da modalidade falada e coloquial, por ser mais conservadora, porém, adapta-se às pressões da oralidade.

As dificuldades dos alunos em selecionar os itens lexicais adequados ao registro linguístico formal demonstram pouca familiaridade com textos escritos formais, o que favorece o uso da coloquialidade na sua produção textual. Embora outros fatores interfiram nessa produção, o vocabulário merece destaque, visto que além de referir-se a eventos, conceitos e ideias, denota pontos de vista e atitudes de quem escreve, de tal forma que não percebê-los pode comprometer a compreensão global do texto. (BEZERRA, 2000, p. 231)

Contudo, como já exposto pela autora, essa forma descontraída de escrever pode prenciar mudanças na língua portuguesa. Com isso, a escola deve considerar ainda mais as variações linguísticas e as práticas sociais de leitura e escrita, contribuindo para a formação linguística dos alunos.

## **5. PROPOSTA DE APLICAÇÃO: O PLANO DA SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES**

Neste capítulo é explorado o planejamento, realizado pela professora e pesquisadora, para o desenvolvimento da sequência de atividades que será aplicada em sala de aula. Assim, é descrito o passo a passo previsto em três módulos: “artigo de opinião”, “*vlog científico*” e “atividade comparativa: transitando entre os dois gêneros”, e suas respectivas etapas.

### **MÓDULO 1 – ARTIGO DE OPINIÃO**

#### **Etapa 1 – Apresentação da situação e da proposta**

Para início de trabalho, a professora abrirá uma conversa a respeito do artigo de opinião, propondo um levantamento prévio de conhecimentos e dando voz aos alunos. Em seguida, informará aos estudantes a organização, a relação com as condições de produção, a finalidade e algumas características do gênero. Tais explicações serão feitas de modo sucinto, sem aprofundamento, adotando uma linguagem mais clara, simplificada e acessível aos alunos de 6º ano. Não será explorada, nesse momento, a linguagem empregada no gênero e o tipo de vocabulário. A professora, assim, avisará que ao final desta proposta, haverá uma produção de artigo de opinião relacionado com a CIARTEC (Feira de ciências, artes e tecnologia). Para tanto, os estudantes lerão exemplos do gênero.

#### **Etapa 2 – Práticas de leitura de artigos de opinião**

Em um segundo momento, será proposta a leitura individual e coletiva de dois artigos de opinião intitulados “Cuidado: uso excessivo de internet e celular pode viciar” (MATSSURA, 2013) e “Brasileiros preferem floresta em pé” (YOUNG, 2009), relacionados com a temática da CIARTEC, “A transição do papel para o digital: um exemplo de tecnologia sustentável”.

#### **Etapa 3 – Produção de artigo de opinião**

Por último, a professora solicitará a produção inicial e individual de um artigo de opinião, a fim de coletar conhecimentos prévios e possíveis dados linguísticos, sobretudo, ocorrências de marcas de oralidade na escrita e de escolhas lexicais próprias dos gêneros digitais orais. Dará início à atividade utilizando o enunciado abaixo.

**Quadro 1.** Enunciado da proposta de produção textual

Escreva um artigo de opinião, em 15 linhas, defendendo o seu ponto de vista sobre o tema “A transição do papel para o digital: um exemplo de tecnologia sustentável”. Lembre-se de apresentar argumentos para se posicionar e para convencer os leitores: os visitantes da CIARTEC. Siga as orientações.

- No primeiro parágrafo, deixe clara a ideia a ser defendida (a tese), ou seja, indique o tema.
- No segundo parágrafo, apresente argumentos para a defesa da tese. Recorra a alguns dos seguintes procedimentos argumentativos: fatos, comparação, exemplificação, dados estatísticos, falas de especialistas, pontos positivos e negativos, entre outros (utilize os textos estudados nas disciplinas de ciências, história e artes).
- No último parágrafo, apresente a conclusão a que você chegou quanto ao tema tratado no texto.
- Dê um título que tenha ligação com o tema abordado.

**Fonte:** Elaboração própria

A professora lembrará que, para contribuir com o repertório do tema, os alunos realizaram pesquisas científicas desde o início do segundo semestre também em outras disciplinas, como em Ciências, História e Artes, pois a CIARTEC é um projeto interdisciplinar. Porém, alertará que eles não devem consultar ou copiar trechos das pesquisas, somente utilizá-las como inspiração. A produção de texto será apenas com conhecimentos adquiridos no processo investigativo.

## **MÓDULO 2 – VLOG CIENTÍFICO**

### **Etapa 1 – Apresentação da situação e da proposta**

A professora apresentará o assunto da aula e questionará aos alunos se sabem o que é *vlog* científico e se já acessaram algum como fonte de pesquisa ou estudo, de modo a aproximá-los do gênero. Poderá propor uma discussão fazendo um levantamento dos *youtubers* que mais assistem no cotidiano e do *youtube* como suporte. Deverá se atentar caso algum aluno demonstre conhecer o gênero, dando espaço para que dê exemplos e pedindo ao aluno que o descreva rapidamente. Em seguida, dará continuidade à conversa, explorando as características e finalidade do *vlog* científico. Informará que se trata da produção final da CIARTEC a ser transmitido no dia do

evento aos seus visitantes, ou seja, aos colegas, professores, funcionários da escola, familiares e comunidade, sendo essa a situação comunicativa.

Na atividade seguinte, serão exibidos dois *vlogs* científicos para que os alunos assistam, relacionados ao tema da CIARTEC, do canal *Você sabia?* intitulados *A tecnologia melhora ou piora as nossas vidas?* (16 min.) e *O planeta Terra tem apenas 18 meses para ser salvo!* (15 min). A professora perguntará aos alunos se já conheciam o referido canal e conversará a respeito.

### **Etapa 2 – Planejamento e roteiro, em grupos, de um *vlog* científico**

Em grupos, os alunos consultarão as pesquisas feitas anteriormente (a partir de orientações e indicações de sites confiáveis) e refletirão sobre conteúdos para elaboração do roteiro da filmagem a serem expostos no *vlog* científico. A professora esclarecerá que não se trata de falas para se decorar, apenas de um planejamento que organize as ideias. Em seguida, será registrado coletivamente o roteiro na lousa. A professora o redigirá, a partir das sugestões dadas, oralmente, pelos alunos.

### **Etapa 3 – Produção, em grupos, de *vlog* científico: gravações**

A professora selecionará os alunos de cada grupo que gostariam de ser filmados para o *vlog* científico. Haverá a atribuição de cada parte do roteiro para grupos específicos, com antecedência, a fim de que se preparem. Os alunos tanto poderão ser filmados, quanto gravarão os vídeos sem sua imagem. Os dados serão coletados por meio da câmera de um aparelho celular disponibilizado pela professora, que atuará junto a eles durante as atividades, realizando um acompanhamento contínuo e pontual. As filmagens ocorrerão seguindo o roteiro produzido e de acordo com a seletiva de alunos em pequenos grupos. Quando concluída essa etapa, serão dois *vlogs* científicos produzidos, representando as turmas 6º A e B.

## **MÓDULO 3 – ATIVIDADE COMPARATIVA: TRANSITANDO ENTRE OS DOIS GÊNEROS**

### **Etapa 1 – Análise de fragmentos, reflexão e hipóteses**

A professora retomará as produções de artigo de opinião dos estudantes, lendo fragmentos digitados e anônimos expostos por meio do projetor multimídia, contendo possíveis ocorrências de marcas de oralidade na escrita e de expressões lexicais próprias dos gêneros digitais orais. Os alunos serão questionados se tais trechos destacados

seriam mais adequados em um artigo de opinião ou em um *vlog* científico, justificando suas hipóteses em discussão oral.

### **Etapa 2 – Leitura de uma produção de artigo de opinião e exibição dos *vlogs* científicos produzidos**

Será lido mais um artigo de opinião, preferencialmente o texto de um aluno, desde que tenha atingido a linguagem e as escolhas lexicais adequadas ao contexto. Para melhor visualização coletiva, também poderá ser exposto para leitura, também de forma anônima, utilizando o projetor multimídia. Em seguida, serão transmitidos os *vlogs* científicos produzidos pelos discentes.

### **Etapa 3 – Comparação entre os gêneros e compreensão**

A professora solicitará aos alunos que enumerem, oralmente, as diferenças percebidas entre os dois gêneros estudados, direcionando a discussão e a reflexão, por meio de perguntas, para aspectos específicos: a linguagem empregada, formal e informal, o estilo e as escolhas lexicais mais adequadas em cada gênero, considerando ser um oral e outro escrito. Ela alertará para o fato de que não há uma oposição entre oralidade e escrita, há gêneros tanto orais, quanto escritos, mais ou menos formais. De forma secundária, poderá tratar do contexto de produção, circulação e recepção.

Na atividade seguinte, a professora irá propor a reescrita coletiva, na lousa ou no projetor multimídia, de alguns dos trechos vistos na primeira etapa, na tentativa de realizar adequações, a partir das contribuições e sugestões ditas pelos alunos, de modo a atingir a escrita formal, esperada em um gênero como o artigo de opinião.

## **6. RELATÓRIO DE APLICAÇÃO DE PESQUISA**

Neste capítulo é explorada a aplicação da sequência de atividades em sala de aula. Vale ressaltar que, como a pesquisa envolve coleta de dados com seres humanos, foi submetida à avaliação ética pela Plataforma Brasil e aceita. Foi aplicada, em 2022, com duas turmas, 6º ano A e B, do Ensino Fundamental (Anos Finais), compostas por 31 e 30 alunos, respectivamente, no *Colégio Municipal André Fernandes*. Assim, são relatadas as situações de ensino-aprendizagem vivenciadas pela professora e pelos alunos, bem como os resultados obtidos em três módulos: “artigo de opinião”, “vlog científico” e “atividade comparativa: transitando entre os dois gêneros”, e suas respectivas etapas.

### **MÓDULO 1 – ARTIGO DE OPINIÃO**

#### **Etapa 1 – Apresentação da situação e da proposta**

A professora deu início a um diálogo com a turma questionando o quanto os estudantes se lembravam sobre as condições de publicação e circulação de textos no geral e, em específico, sobre as atividades, dos bimestres anteriores, envolvendo o artigo de opinião. Os alunos lembraram, ora com autonomia, ora com auxílio, que, estudaram acerca de os textos poderem ser publicados em diversos suportes e serem escritos por alguém, em determinada época, para determinado público-leitor, cumprindo propósitos variados, embora tenham o mesmo tema. Além disso, lembraram que foram realizadas as leituras de dois artigos de opinião, o primeiro intitulado “Liberdade? Isso merece uma reflexão” (CABRAL, A. 2018) e o segundo, “Recomeçar é questão de atitude” (LUZ, D.C. 2018) e que, a partir disso, tinham desenvolvido diversas atividades propostas pelo material didático.

Verbalizaram, superficialmente, sobre a finalidade do gênero: “dar a nossa opinião”, “escrever o que eu acho de algum assunto importante”, em suas palavras literais. Nesse momento, foi enfatizada a necessidade de ser persuasivo na defesa de uma ideia, explicando que não basta opinar, é preciso fundamentar a opinião com argumentos diversos: uso de dados estatísticos, fatos e citações de especialistas.

Por fim, a maioria dos estudantes se mostrou receptiva quanto à futura produção de texto atrelada a CIARTEC; outros, no entanto, demonstraram certa resistência com as práticas de escrita.

## **Etapa 2 - Práticas de leitura de artigos de opinião**

A leitura dos artigos de opinião “Cuidado: uso excessivo de internet e celular pode viciar” (MATSSURA, 2013) e “Brasileiros preferem floresta em pé” (YOUNG, 2009) foi realizada em duas fases. Primeiro, uma leitura individual e silenciosa, seguida por uma coletiva e em voz alta. Alguns alunos se ofereceram para ler, mas a professora optou por, dessa vez, ser a única porta voz, para maior fluidez e compreensão.

Com o término da leitura, os alunos foram estimulados a tecer comentários. Os comentários se concentraram em afirmar que os textos eram “sérios” ou continham “palavras difíceis”. Alguns argumentos também chamaram a atenção, pois fizeram associações com o próprio conhecimento de mundo. Além dos recursos argumentativos já apresentados anteriormente, outro recurso foi percebido pelos alunos, a pergunta retórica. A discussão se deu tratando de todos os pontos levantados pelos discentes e teve o intuito de repertoriá-los quanto ao gênero e quanto ao tema, intuito esse que foi aparentemente atingido.

## **Etapa 3 – Produção de artigo de opinião**

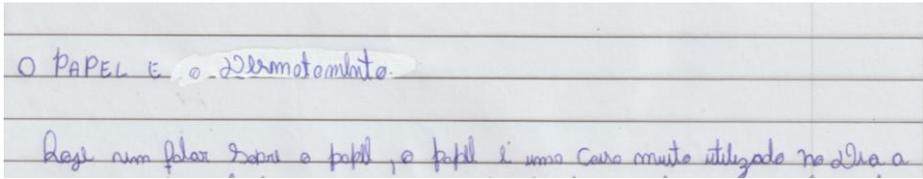
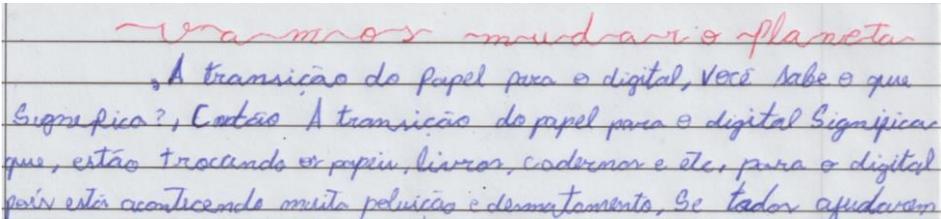
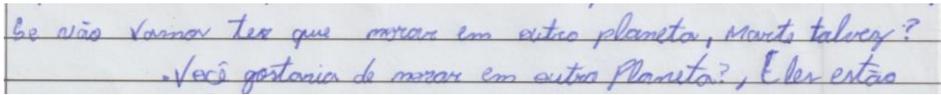
Na produção, etapa importante da sequência de atividades, os estudantes elaboraram seus textos em duas aulas, de 55 minutos, que foram entregues à docente. Grande parte dos alunos, visando o convencimento de seu interlocutor, tentou se valer de um recurso retórico: as perguntas retóricas, cuja finalidade não é obter uma resposta, mas, sim, estimular a reflexão sobre determinado assunto. Porém, com a tentativa, acabaram produzindo perguntas diretas similares a um diálogo, empregando, inclusive, o pronome “você” para marcar o interlocutor. Essas escolhas revelaram uma marca forte da interação e do dialogismo, comum em gêneros digitais orais.

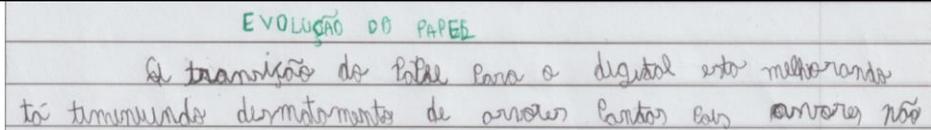
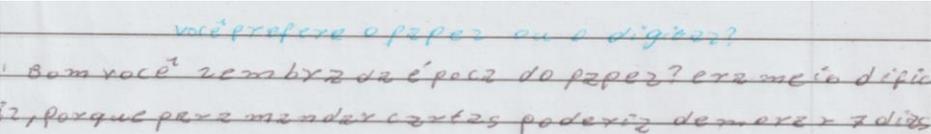
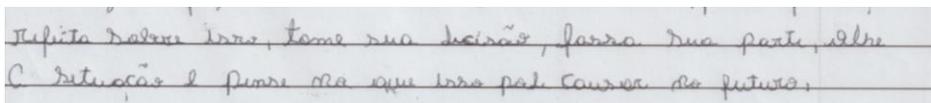
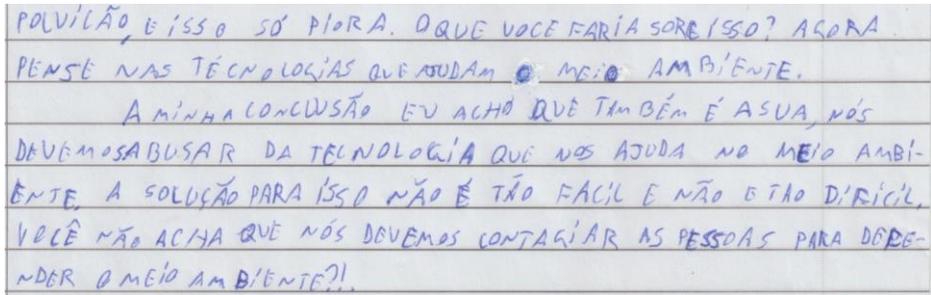
Além disso, a estrutura da introdução dos textos produzidos é muito similar à abertura de um *vlog* científico e outros tipos de vídeos da internet. Em alguns casos, os alunos escreveram, nas primeiras linhas, cumprimentos de saudação como “Olá” e “Ei” e se valeram do verbo “falar” para dar início ao texto, em construções como “Nesse artigo de opinião iremos falar sobre a transição do papel para o digital (...)”, “Hoje vim falar sobre o papel, o papel (...)”, “Agora vamos falar um pouco da transição do papel para o digital (...)”, entre outras.

As escolhas lexicais dão indícios de que a escrita, em conjunto com as características tecnológicas da chamada geração Alpha, está permeada por vocábulos que permitem questionar, se não comprovar, se elas não teriam relações com a fala e

com os gêneros digitais orais. A escolha de vocábulos como “tá”, “bom”, “né”, “jaja”, “pq”, “a gente”, da gíria “tipo”, do emprego dos verbos infinitivos sem o R final ou o uso da expressão “bora” em “mas bora falar da tecnologia” e “então bora para outra linha então vamos falar sobre as árvores”, entre outros exemplos, totalizando trinta, dispostos nos quadros 2 e 3, a seguir, permitem afirmar que parece haver sim uma interferência externa nessas escolhas.

**Quadro 2.** Ocorrências de usos inadequados, marcas de oralidade e expressões próprias de gêneros digitais orais da turma 6º ano A

<b>Dados coletados nos artigos de opinião</b>
<p>“<u>Hoje vim falar sobre o papel, o papel é uma coisa</u> muito utilizada no dia a dia (...)” (A.S.)</p> 
<p>“<u>A transição do papel para o digital, você sabe o que significa? Então, a transição do papel para o digital significa que estão trocando os papeis, livros, cadernos, etc., para o digital, pois está acontecendo muita poluição e desmatamento.</u>”</p> <p>“(...) se não vamos ter que morar em outro planeta, marte talvez? <u>Você gostaria de morar em outro planeta?</u>” (A.C.)</p>  
<p>“A transição do papel para o digital (...) <u>tá</u> diminuindo desmatamento de árvores” (A.F.)</p>


<p>“<u>Bom, você lembra da época do papel? Era meio difícil (...)</u>” (D.S.)</p> 
<p>“<u>Refleta sobre isso, tome sua decisão, faça sua parte, olhe a situação e pense no que isso pode causar no futuro.</u>” (D.C.)</p> 
<p>“O que <u>você</u> faria sobre isso? <u>Agora pense</u> nas tecnologias que ajudam o meio ambiente. A minha conclusão <u>eu acho</u> que também é a <u>sua</u>, nós devemos abusar da tecnologia que nos ajuda no meio ambiente.(...) <u>Você</u> não acha que nós devemos contagiar as pessoas para defender o meio ambiente?” (E.C)</p> 
<p>“(…) <u>Você</u> conhece a origem do papel? O papel vem da celulose das árvores que primeiro veio do papiro. <u>Você sabia</u> que nem todo mundo podia ter papel? Mas <u>bora falar</u> da tecnologia.”</p> <p>“<u>Você</u> usa mais o que papel ou tecnologia? O que você acha que é melhor para nós? (...) A tecnologia tem em todo lugar, na sua casa tem?”</p> <p>“(…) e isso é ruim <u>né?</u>” (E.V.)</p>

## PAPEL ou DIGITAL?

Você conhece a origem do papel? O papel vem da celulose das árvores que primeiro veio de papirus. Você sabe que não todo mundo pode ter o papel? Mas hoje falamos de tecnologia e com a cada dia a tecnologia de hoje pode ter valor.

hoje em dia todo mundo tem um celular, computador, televisão, você usa mais esse papel ou tecnologia? E que você acha que é melhor para nós? Para natureza a tecnologia não

surte, contamina. A tecnologia tem em todo lugar no seu caso tem? A tecnologia

querem se papel não vai ser uma atividade de sustentabilidade e isso é ruim né?

“Minha pergunta é o que você escolheria? Viver ou morrer? Tecnologia em escola ou papel? (...)”

“Agora é hora de encaixar as peças do quebra-cabeça, se no mundo tivesse só tecnologia (...)” (L.F.)

MINHA PERGUNTA: O QUE VOCÊ ESCOLHERIA VIVER OU MORRER? TECNOLOGIA EM ESCOLA OU PAPEL? MINHA

AGORA É HORA DE ENCAIXAR AS PEÇAS DO QUEBRA-CABEÇA SE NO MUNDO TIVESSE SÓ TECNOLOGIA AS CRIANÇAS

“(...) então a gente sempre que puder tem que economizar sempre o papel.” (M.F.)

o então a gente tem que economizar o papel e matamos sustentável?

Sim  
Então a gente sempre que puder tem que economizar sempre o papel tem a digital que

“Você provavelmente já viu nas redes sociais, em jornais ou na televisão notícias sobre o desmatamento de árvores (...)” (M.C.)

A tecnologia nas nossas vidas  
 Você provavelmente já viu nas redes sociais, em jornais ou na televisão notícias sobre o desmatamento de árvores que tem ocorrendo com grande frequência, por conta da produção do papel, e papel não só consome muitas árvores, mas também polui muito.

“Você sabia que o papel é feito de madeira de reflorestamento?” (M.P.)

Você sabia que o papel é feito de madeira de reflorestamento? e ajuda

“As pesquisas falam que se a gente não mudar os (h)ábitos, vamos ter que colonizar Marte.” (N.B.)

As pesquisas falam que se agente não mudar os hábitos vamos ter que colonizar Marte, porque estamos matando a terra, por isso durante a pandemia estudamos muito e mudamos pouco, então mude seus hábitos!

“Ei você sabia que já está prestes a acabar as árvores? Precisamos cuidar mais do que temos ao nosso favor porque nada cai do céu a não ser chuva. Você sabe de onde veio o papel?”

“Bom, na minha opinião precisamos plantar mais árvores (...)” (R.C.)

As árvores estão faltando?  
 Ei você sabia que já está prestes a acabar as árvores precisamos cuidar mais do que temos ao nosso favor porque nada cai do céu a não ser chuva você sabe de onde vem o papel bem  
 Na minha opinião precisamos plantar mais árvores parece que a tecnologia só piora exemplo

“Sim o papel vai ser totalmente trocado para o digital.” (R.F.)

sim o papel vai ser totalmente trocado para o digital vai

“Olá, a tecnologia pode ser bom para nós, mas também pode ser ruim se não soubermos

usá-la corretamente mas também temos tecnologia sustentável, mas e você quer saber mais do assunto? Então vem vamos lá!”

“Mas o que o sustentável tem a ver com tecnologia? Este assunto tem a ver com a nossa consciência tipo pensar no próximo (...)” (S.T.)

Por trás da tecnologia  
 De lá, a tecnologia pode ser bem ruim mas  
 mas também pode ser muito ruim se não  
 sabemos usá-la corretamente mas também temos  
 tecnologia sustentável, mas e você quer saber  
 mais do assunto? Então vem vamos lá!

Mas que é sustentável um país  
 com tecnologia? Não sei mas tem a ver com  
 a nossa consciência tipo pensar no próximo

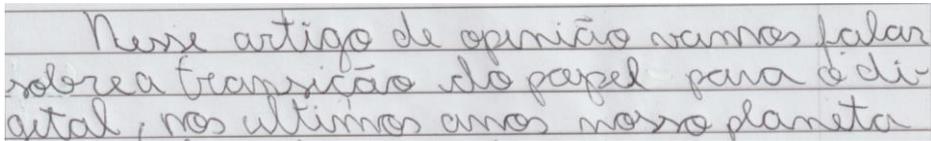
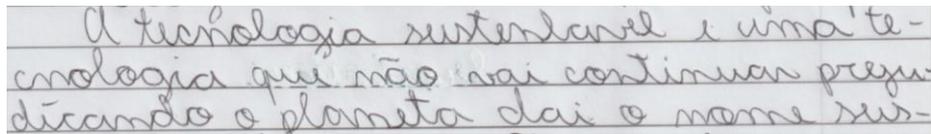
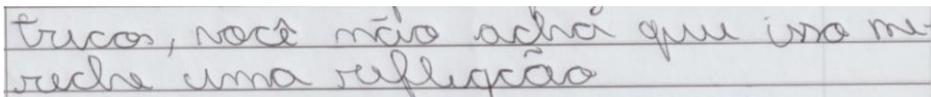
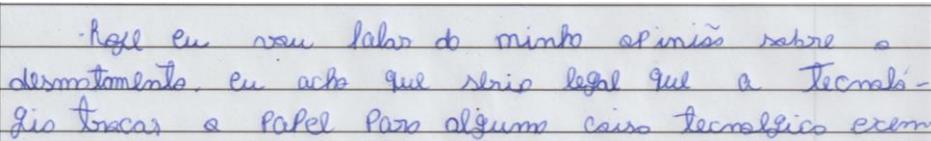
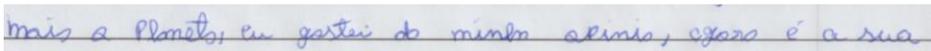
“Vamos falar um pouco sobre a tecnologia sustentável, em minha opinião sustentável é a preocupação do futuro (...)”

“Desmatar também é errado sabia? Não, por que? Porque nós ficaremos sem oxigênio. Agora vamos falar um pouco da transição do papel para o digital, você sabe o que é a evolução do papel para o digital? Não então vou explicar para você. (...)”

“Você sabe o que é a transição do papel para o digital? Sim.” (S.K.)

Você sabe o que sustentável?  
 Vamos falar um pouco sobre a tecnologia sustentável, em minha opinião sustentável e a preocupação do futuro, nós seres humanos não podemos cortar a água do mundo todo porque? porque devemos pensar nos outros.  
 Desmatar também é errado sabia? Não porque? porque nós ficaremos sem oxigênio. Agora vamos falar um pouco da transição do papel para o digital, você sabe o que é a evolução do papel para o digital? Não então vou explicar para você.  
 É a transformação do papel para a tecnologia, não apenas o papel para a tecnologia tipo: madeira e de papel mas agora usamos o pix que é a tecnologia, carta de metalista era de papel agora é tecnologia, você sabe o que é a transição do papel para o digital? Sim.

**Quadro 3.** Ocorrências de usos inadequados, marcas de oralidade e expressões próprias de gêneros digitais orais da turma 6º ano B

<b>Dados coletados nos artigos de opinião</b>
<p>“<u>Nesse artigo de opinião vamos falar sobre a transição do papel para o digital (...)</u>”</p> <p>“A tecnologia sustentável é uma tecnologia que não vai continuar prejudicando o planeta <u>daí</u> o nome sustentável algo que não vai ferir a nossa e a geração futura.”</p> <p>“<u>Você</u> não acha que isso merece uma reflexão?” (E.F.)</p>   
<p>“<u>Hoje eu vou falar da minha opinião sobre o desmatamento. Eu acho que seria legal</u> que a tecnologia trocar o papel para alguma coisa tecnológica.”</p> <p>“Se a tecnologia for aumentando <u>mais e mais</u>”</p> <p>“Eu gostei da minha opinião, agora é a <u>sua</u>.” (E.S.)</p>   
<p>“<u>Bom</u>, a troca do papel para o digital é uma evolução para um ambiente mais saudável e mais prático.”</p> <p>“E na minha escola, <u>nós</u> fizemos um cálculo de que em média <u>nós</u> gastamos pelo menos</p>

1476 folhas em um mês de prova então imagine quantas folhas são gastas em um ano de prova no Brasil inteiro muito né. Pense a respeito.” (E.G.)

Bom a troca do papel para o digital é  
uma evolução para um ambiente mais saudável e

E na minha escola nós fizemos um cálculo de  
que em média nós gastamos pelo menos 1476  
folhas em um mês de prova então imagine quantas  
folhas são gastas em um ano de prova no Brasil  
inteiro muito né

"pense a respeito"

“(…) A tecnologia sustentável, uma tecnologia que ajuda o meio ambiente invés de maltratá-lo, para a minha pessoa isso é muito eficiente, ajuda muitas pessoas e principalmente o meio ambiente e os animais, e isso é muito legal, porque mostra o quanto os seres humanos evoluíram a tecnologia.”

“Então faça um pouco da sua parte, nem que seja só um pouquinho.” (F.G.)

A Tecnologia Sustentável, uma tecnologia que ajuda o  
meio ambiente invés de maltratá-lo, para a minha pessoa  
isso é muito eficiente, ajuda muitas pessoas e principalmente o  
meio ambiente e os animais, e isso é muito legal, porque  
mostra o quanto os seres humanos evoluíram a tecnologia

Então faça um pouco da sua parte, nem que  
seja só um pouquinho, esse seu gesto vai ajudar no

“Nesse artigo de opinião iremos falar sobre a transição do papel para o digital, na minha opinião (…)” (G.B.)

Nesse artigo de opinião iremos falar  
sobre a transição do papel para o digital, na

“(…) imagina o tanto de papel que o mundo tem que suportar.”

“Pesquisas mostram que aparelhos digitais vão ajudar a reduzir o desmatamento, pois o

papel é muito utilizado no mundo. Já pensou quantas árvores são usadas para produzir papel por ano?” (J.E.)

NA NINHA OPINIÃO ESSE TIPO DE PAPEL PARA O DIGITAL  
É UMA BOA IDEIA, IMAGINA O TANTO DE PAPEL QUE O MUNDO TEM QUE  
SUPPORTAR, PARA CHEGAR AO PAPEL PRECISA DE ÁRVORES QUE LEVA O

. PESQUISAS MOSTRAM QUE APARELHOS DIGITAIS VÃO AJUDAR A  
REDUZIR O DESMATAMENTO POIS O PAPEL É MUITO USADO NO  
MUNDO. JÁ PENSOU QUANTAS ÁRVORES SÃO USADAS PARA PRODUZIR  
PAPEL POR ANO SE O MUNDO CONTINUAR ASSIM COMO VAI SER O

“Bom, a natureza é muito linda e impressionante bom, vamos começar pelo agente natural mais forte o vento bom você já viu ciclone bomba? É isso mesmo aquilo é poderoso (...) tá vou simplificar (...) já deu para entender né? Então bora para outra linha então vamos falar sobre as árvores geralmente o povo está desmatando as árvores queimando elas e isso é triste isso pq a natureza dá de graça (...) eu peço a todos não queimem árvores você precisa dela :( :” (K.M.)

“BOM A NATUREZA É MUITO LINDA E IMPRESSIONANTE BOM. VAMOS COMEÇAR  
PELO AGENTE NATURAL MAIS FORTE O VENTO BOM VOCÊ JÁ VIU CICLONE  
BOMBA? É ISSO MESMO AQUILO É O PODEROSO E MARCANO VENTO POR-

AMI, ELE É BEM FORTE TA. JÁ VOU SIMPLIFICAR. O TSUNAMI É CRIADO POR

JÁ DEU PARA ENTENDER NÉ? ENTÃO BORA. PARA OUTRA LINHA  
ENTÃO VAMOS FALAR SOBRE AS ÁRVORES GERALMENTE O POVO  
ESTÁ DESMATANDO AS ÁRVORES E QUEIMANDO ELAS É ISSO É TRISTE ISSO PQ A NA-  
TUREZA DÁ DE GRACA ANOS A NATUREZA PEDE SOCORRO A VOCÊ

EU PEÇO A TODOS NÃO QUEIEM ÁRVORE VOCÊS PRECISA SÓ PELA  
VIA AJUDE CONTRA O DESMATAMENTO APRENDA A AMAR A  
ÁRVORES AJUDE A SUA RESPIRAÇÃO VOCÊ PRECISA DE  
RESPIRACÃO

“O meu ponto de vista é que tá tendo muitos jogos inadequados para as crianças: tipo, free fire, GTA (...)”

“Se você tem um celular, notebook, computador e vídeo game, lembre-se sempre de se

divertir com sua família e nunca viciar no bem material (...)" (K.S.)

O meu ponto de vista é que tá tendo muitas jogos inadequados para as crianças: tipo, free fire, call of duty, gta e fortnite. Por causa desses jogos tem crianças ficando violentas.

lá, de verdade? Tem um celular, notebook, computador e vários games, então se sempre se diverte com sua família e nunca vicia no bem material. Por causa disso

"E temos que pensar positivo e achar algumas soluções tipo o uso da tecnologia sustentável." (L.C.)

E temos que pensar positivo e achar algumas soluções tipo o uso da tecnologia sustentável, e

"A tecnologia ajudou muito a natureza, tipo economizando árvores, a humanidade também tem que parar de gastar árvores tipo não fazer bolinhas, não gastar folha a toa." (L.F.)

A tecnologia ajudou muito a natureza, tipo economizando árvores, a humanidade também tem que parar de gastar árvores tipo não fazer bolinhas não gastar folha a toa se continuassem

"Temos que cuidar do nosso planeta porque jaja o mundo não vai aguentar (...) não é só o mundo que tá sendo prejudicado (...)"

"(...) as árvores sendo cortadas para fazer papel aí que a tecnologia entra temos que para(r) de desperdisa(r) papel imagina cada dia várias árvores sendo cortadas." (M.M.)

temos que cuidar do nosso planeta porque jaja o mundo não vai aguentar a tecnologia está ajudando a não

não é só o mundo que tá sendo prejudicado também

as árvores sendo cortada para fazer papel ai que a tecnologia entra tenta que para de desperdiçar papel imagina cada dia varias árvores sendo cortadas

“A natureza pra mim não pode ser maltratada.” (S.S.)

TERRA, A NATUREZA PRA MIM NÃO PODE SER MALTRATADA PORQUE ELA DA OXIGÊNIO

“A tecnologia foi bom ao mesmo tempo não, si você me pergunta, porque, porque muitas pessoas sofrem buli (*bullying*) pela internet também (...)” (T.R.)

tecnologia foi bom, ao mesmo tempo não si você me pergunta, porque, porque muitas pessoas sofrem buli pelo internet também

“Mas na minha opinião devemos dar uma reduzida no papel, reciclar o papel porque são gastas muintas e muintas árvores (...)” (T.V.)

Mas na minha opinião devemos dar uma reduzida no papel reciclar o papel porque são gastas muintas e muintas árvores para fazer papel

Fonte: Elaboração própria

## MÓDULO 2 – VLOG CIENTÍFICO

### Etapa 1 – Apresentação da situação e da proposta

Alguns alunos já conheciam o termo *vlog* e do que se trata, mas a maioria desconhecia o *vlog* científico. Com a conversa estabelecida sobre o gênero em questão, explorando, entre outros aspectos, a finalidade de divulgar em vídeo os resultados de uma pesquisa e os conhecimentos científicos, não demorou até que praticamente todos associassem o novo conhecimento com as próprias práticas digitais. Assim, lembraram-se de *vlogs* ou similares assistidos na vida cotidiana, citando, por exemplo, os chamados *mini vlogs*, postados no aplicativo *TikTok*. Quando questionado sobre a audiência ao *YouTube*, a maioria respondeu afirmativamente, mencionando nomes de *youtubers* como Felipe Neto e alguns canais de tutoriais. Eles também já conheciam o canal brasileiro “Você sabia?”, trazido para a aula, e se empolgaram ao saber que assistiriam

aos *vlogs* científicos produzidos pelos *youtubers* responsáveis pelo canal, Lukas Marques e Daniel Molo, que reúnem curiosidades, histórias e fatos interessantes do mundo, além de acumular milhões de visualizações. A mesma empolgação se deu quando informados acerca da produção de *vlog* científico como produto final da CIARTEC, mostrando-se mais receptivos a esse gênero do que ao artigo de opinião.

### **Etapa 2 – Planejamento e roteiro, em grupos, de um *vlog* científico**

Em grupos já estabelecidos para as outras atividades interdisciplinares da CIARTEC, os alunos se reuniram e discutiram ideias para o roteiro. De modo coletivo, as ideias foram compartilhadas, escritas na lousa pela professora e transferidas, na íntegra, para o quadro seguinte.

**Quadro 4.** Roteiro para o desenvolvimento do *vlog* científico elaborado pelos alunos do 6º ano com mediação da professora

<b>Parte</b>	<b>Conteúdo</b>
<b>1ª</b>	Abertura do <i>vlog</i> científico: apresentar o nosso colégio, explicar o que é a CIARTEC, seu tema de 2022 “Como a tecnologia sustentável pode melhorar a nossa qualidade de vida?” e o tema da nossa sala “A transição do papel para o digital”.
<b>2ª</b>	Falar sobre a origem do papel e sua matéria prima, a celulose das árvores, e sobre o desmatamento.
<b>3ª</b>	Dar exemplos da substituição do papel para o digital no nosso cotidiano e o porquê ocorre.
<b>4ª</b>	Apresentar os objetos antigos até os atuais que traremos para a exposição (papiro, papel, máquina de escrever, computador, celular, disquete, CD, pendrive, smartphone, notebook, etc.)
<b>5ª</b>	Expor o desperdício de papel na escola e no mundo, do cálculo que fizemos na aula de matemática para descobrir a quantidade de papel gasto em dias de prova e de uma solução, a reciclagem.
<b>6ª</b>	Conclusão do <i>vlog</i> : Finalizar com nossas considerações finais, a importância da sustentabilidade e da troca do papel por uma opção digital, um exemplo de tecnologia sustentável que melhora as nossas vidas.

**Fonte:** Elaboração própria

### **Etapa 3 – Produção, em grupos, de *vlog* científico: gravações**

As gravações do *vlog* científico contaram com a participação de 23 alunos, somando ambas as turmas, autorizados pelos pais, e aconteceram ao longo de duas semanas durante algumas aulas e em horários no contra turno. Os alunos demonstraram bastante desenvoltura frente às câmeras. Todas as partes foram filmadas pela professora, com exceção de uma delas em que a função foi exercida por dois dos alunos. As falas, assim como determina o gênero, foram previamente planejadas e escritas, como atividade para casa, com base no roteiro e nas pesquisas. A docente não solicitou a entrega desses registros<sup>4</sup>. Com isso, nos dias estabelecidos para as filmagens, os alunos selecionados vinham com tais falas estudadas e talvez, ensaiadas, mas não totalmente decoradas e mecânicas, pois transmitir certa espontaneidade e naturalidade também é característica de gêneros digitais orais. Por vezes, devido a “falhas” de comunicação, foi necessário recomeçar a filmagem, repetindo o processo.

## **MÓDULO 3 – ATIVIDADE COMPARATIVA: TRANSITANDO ENTRE OS DOIS GÊNEROS**

### **Etapa 1 – Análise de fragmentos, reflexão e hipóteses**

Nas três etapas do módulo 3, de modo geral, foi adotada, pela professora, uma metodologia ativa, abrindo espaço para o levantamento de formulação de hipóteses pelos alunos, promovendo o deslocamento do foco do professor para o estudante. Assim, algumas das atividades se configuraram como epilinguísticas, em que juntos, professora e alunos, puderam operar com a linguagem, conversar sobre as escolhas lexicais, possíveis trocas de palavras, seus efeitos de sentido e suas adequações considerando os diferentes gêneros, oral e escrito, e seus contextos. Na primeira etapa, a professora retomou as produções de artigo de opinião dos alunos, lendo fragmentos, em voz alta, digitado e anônimo exposto por meio do projetor multimídia, contendo ocorrências de marcas de oralidade e de expressões lexicais próprias dos gêneros digitais orais. As reflexões e hipóteses feitas pelos alunos estão relatadas na etapa 3.

### **Etapa 2 – Exibição dos *vlogs* científicos produzidos**

Aliada a essa atividade, houve a exibição dos *vlogs* científicos produzidos pelas duas turmas. Os alunos ficaram animados e ansiosos para isso, já que seria a primeira

---

<sup>4</sup> O objetivo não era analisar esse material escrito, apenas o vídeo produzido.

vez que assistiriam ao vídeo completo, ou seja, ao produto final da sequência. Depois de se verem filmados, alguns alunos começaram a se autocriticar e a repensar o seu desempenho oral. Para isso, se compararam aos outros colegas e a youtubers a fim de comentar sobre sua própria oralidade. O aluno K.S. comentou a sua preferência por fotos ao invés de vídeos, uma vez que “nas fotos a gente não precisa falar”, em suas palavras literais. A professora então explicou que uma mídia como vídeo se vale da imagem em movimento, diferente da fotografia, imagem estática. Apesar disso, a maioria dos estudantes filmados se mostrou muito satisfeita com a participação no vlog científico. Além do desempenho oral, os alunos também ficaram atentos aos gestos. A aluna M.C. observou o gesto de digitação feito pelo colega utilizando as mãos, no vlog científico, para simular a ação de digitar no teclado ao se referir à máquina de escrever. Com isso, a professora explicou que em um gênero oral, uma mensagem não é transmitida apenas por meio sonoro, deve-se considerar também a perspectiva visual que ocorre ao mesmo tempo em que a fala, por exemplo, os gestos.

### **Etapa 3 – Comparação entre os gêneros e compreensão**

Algumas manifestações dos alunos, propondo hipóteses, durante o diálogo estabelecido ao comparar os dois gêneros, após as leituras e durante as atividades, foram registradas para compor o quadro abaixo.

**Quadro 5.** Manifestações orais dos alunos registradas pela professora durante a atividade

<b>Diálogo 1</b>	<b>Diálogo 2</b>	<b>Diálogo 3</b>	<b>Diálogo 4</b>
Prof. <sup>a</sup> .: O que nós fazemos no último parágrafo de um artigo de opinião? Aluna E.F.: Dá tchau. Aluna E.G.: Dá uma solução.	Prof. <sup>a</sup> .: O que tem de diferente entre os dois gêneros? Aluno F.G.: As palavras. Aluno K.S.: A linguagem.	Prof. <sup>a</sup> .: Como vocês perceberam a linguagem formal no artigo de opinião? Aluna T.V.: É sério, não é nem um pouco descontraído. Prof. <sup>a</sup> .: O que mais? Aluna T.V.: Tem palavras corretas, não tem gírias.	Prof. <sup>a</sup> .: Fazer perguntas, no texto escrito, para interagir com o interlocutor funciona como em um vídeo na internet? Aluna E.F.: No <i>YouTube</i> as pessoas podem responder às perguntas nos

			comentários, no texto não.
--	--	--	----------------------------

**Fonte:** Elaboração própria

A resposta da aluna E.F., no diálogo 1, foi aproveitada para discutir que cumprimentos de saudação e de despedida são adequados no *vlog* científico, mas não no artigo de opinião. Já os diálogos 2 e 3 subsidiaram a reflexão sobre as diferenças entre os gêneros com foco na linguagem e no léxico, e o que caracteriza cada um. A fala, novamente da aluna E.F., no diálogo 4, foi expressa após a retomada sobre o emprego de perguntas, no texto escrito, para interagir com o interlocutor. Sobre essa questão, ela observa, pertinentemente, que na internet existe um espaço destinado à resposta dos interlocutores quando se dirige uma pergunta a eles inserida em um gênero digital oral, diferente do escrito, em que não há essa possibilidade de interação imediata.

Com o intuito de sistematizar a discussão, foi desenvolvida a reescrita coletiva de alguns dos fragmentos de artigo de opinião produzidos, e lidos na primeira etapa. Essa atividade se deu utilizando o projetor multimídia que projetava a reescrita, ao passo que a professora digitava pelo computador as sugestões dadas pelos alunos. Nesse momento, a professora chamou a atenção dos alunos para a observação de quais palavras cada aluno/autor escolheu para discorrer sobre o tema e questionou, nesse processo, se a troca de uma palavra por outra ou a retirada de certas expressões tornariam o texto mais formal ou informal. Ela também falou a respeito do discurso espontâneo e do planejado, frisando que no último deve haver maior preocupação com as escolhas lexicais. Foram realizadas adequações, a partir das contribuições e sugestões dos alunos, de modo a atingir a escrita formal, esperada em um gênero como o artigo de opinião. O quadro a seguir destaca alguns dos exercícios de reescrita e sua resolução.

**Quadro 6.** Exercício de reescrita coletiva

Fragmento 1: “Vamos falar um pouco sobre a tecnologia sustentável, em minha opinião sustentável é a preocupação do futuro (...)”

Reescrita: “A tecnologia sustentável é a preocupação com o futuro (...)”

Fragmento 2: “Hoje vim falar sobre o papel, o papel é uma coisa muito utilizada no dia a dia (...)”

Reescrita: “O papel é muito utilizada no dia a dia (...)”

Fragmento 3: “Ei você sabia que já está prestes a acabar as árvores? Precisamos cuidar mais do que temos ao nosso favor. Bom, na minha opinião precisamos plantar mais árvores.”

Reescrita: “As árvores já estão prestes a acabar, precisamos cuidar mais do que temos ao nosso favor e plantar mais árvores.”

Fragmento 4: “Olá, a tecnologia pode ser bom para nós, mas também pode ser ruim se não soubermos usá-la corretamente mas também temos tecnologia sustentável, mas e você quer saber mais do assunto? Então vem vamos lá!”

Reescrita: “A tecnologia pode ser boa para nós, mas pode ser ruim se não soubermos usá-la corretamente. Também temos a tecnologia sustentável e é importante saber mais do assunto.”

Fragmento 5: “As pesquisas falam que se a gente não mudar os hábitos, vamos ter que colonizar marte.”

Reescrita: “As pesquisas apontam que se nós não mudarmos os hábitos, teremos que colonizar marte.”

Fragmento 6: “Nós fizemos um cálculo de que em média nós gastamos pelo menos 1476 folhas em um mês de prova então imagine quantas folhas são gastas em um ano de prova no Brasil inteiro muito né. Pense a respeito.”

Reescrita: “Nós fizemos um cálculo de que em média gastamos pelo menos 1476 folhas em um mês de prova, então em um ano de prova no Brasil inteiro são gastas muitas folhas. É preciso que todos pensem a respeito.”

Fragmento 7: “E temos que pensar positivo e achar algumas soluções tipo o uso da tecnologia sustentável.”

Reescrita: “Temos que pensar positivo e achar algumas soluções, por exemplo, o uso da tecnologia sustentável.”

## 7. ANÁLISE DE APLICAÇÃO DA PESQUISA

É desenvolvida, neste capítulo, a análise dos dados coletados durante a aplicação da pesquisa por meio de categorias, para maior organização e para quantificá-los. As categorias se dividem em i. marcas de interação; ii. marcas de oralidade e gírias; iii. escolhas lexicais; iv. construções gramaticais e v. compreensão pelos alunos. A última categoria não consiste em uma observação da professora sobre os textos produzidos pelos alunos, mas em uma avaliação proposta por ela para que eles próprios analisassem o processo.

### 7.1 Marcas de interação

Nas produções de artigo de opinião, perguntas dirigidas ao leitor e linguagem coloquial foram utilizadas pelos alunos produtores a fim de conquistar atenção para as informações desenvolvidas e de tentar despertar o pensamento reflexivo. Dessa forma, foram produzidos textos similares à conversação face-a-face, buscando interação imediata, “assim como a visão interacionista da linguagem e a ideia de que a linguagem verbal é, essencialmente, feita para ser dirigida a alguém” (MARCHESI et al., 2021, p. 111), como é possível verificar no quadro abaixo que reúne todas as ocorrências, totalizando dezesseis.

**Quadro 7.** Ocorrências de marcas de interação

1	A transição do papel para o digital, <u>you</u> sabe o que significa? <u>You</u> gostaria de morar em outro planeta? (A.C.)
2	“Bom, <u>you</u> lembra da época do papel?” (D.S.)
3	“O que <u>you</u> faria sobre isso? (...) A minha conclusão eu acho que também é a <u>your</u> , nós devemos abusar da tecnologia que nos ajuda no meio ambiente.(...) <u>You</u> não acha que nós devemos contagiar as pessoas para defender o meio ambiente?” (E.C)
4	“(…) <u>You</u> conhece a origem do papel? O papel vem da celulose das árvores que primeiro veio do papiro. <u>You</u> sabia que nem todo mundo podia ter papel?  “ <u>You</u> usa mais o que papel ou tecnologia? <u>O</u> que <u>you</u> acha que é melhor para

	nós? (...) A tecnologia tem em todo lugar, <u>na sua casa tem?</u> ” (E.V.)
5	“Minha pergunta é <u>o que você escolheria?</u> Viver ou morrer? Tecnologia em escola ou papel? (...)” (L.F.)
6	“ <u>Você</u> provavelmente já viu nas redes sociais, em jornais ou na televisão notícias sobre o desmatamento de árvores (...)” (M.C.)
7	“ <u>Você sabia</u> que o papel é feito de madeira de reflorestamento?” (M.P.)
8	“ <u>Ei você sabia</u> que já está prestes a acabar as árvores? (...) <u>Você sabe</u> de onde veio o papel?” (R.C.)
9	“ <u>Olá</u> , a tecnologia pode ser bom para <u>nós</u> , mas também pode ser ruim se não soubermos usá-la corretamente mas também temos tecnologia sustentável, mas e <u>você quer saber mais do assunto? Então vem vamos lá!</u> ” (S.T.)
10	“Desmatar também é errado <u>sabia?</u> Não, por que? Porque nós ficaremos sem oxigênio. (...) <u>Você sabe</u> o que é a evolução do papel para o digital? Não então vou explicar para <u>você</u> . (...)”  “ <u>Você sabe</u> o que é a transição do papel para o digital? Sim.” (S.K.)
11	“ <u>Você não acha</u> que isso merece uma reflexão?” (E.F.)
12	“Eu gostei da minha opinião, agora é a <u>sua</u> .” (E.S.)
13	<u>Já pensou</u> quantas árvores são usadas para produzir papel por ano?” (J.E.)
14	“(…) <u>você</u> já viu ciclone bomba? É isso mesmo aquilo é poderoso (...) <u>já deu para entender né?</u> (...) eu peço a <u>todos</u> não queimem árvores <u>você</u> precisa dela :( :( ” (K.M.)
15	“Se <u>você</u> tem um celular, notebook, computador e vídeo game, lembre-se sempre de se divertir com sua família e nunca viciar no bem material (...)” (K.S.)
16	“A tecnologia foi bom ao mesmo tempo não, <u>si você</u> me pergunta, porque, porque muitas pessoas sofrem buli ( <i>bullying</i> ) pela internet também (...)” (T.R.)

Fonte: Elaboração própria

Como vimos, há exemplos de perguntas diretas propondo o diálogo com o leitor, empregando o pronome “você” para marcar e se dirigir ao interlocutor, em outros casos, emprega-se o pronome “sua”, tendo a mesma finalidade. Esse apelo à interação é marcado pela informalidade e se caracteriza pela semelhança com uma cena enunciativa de oralidade presencial, isto é, os alunos emulam uma conversa, tanto que na ocorrência 9, o texto foi iniciado com uma saudação de cumprimento, “olá”. Na 10, principalmente, a aluna, além de lançar a pergunta, cria a resposta, simulando um discurso direto no qual o interlocutor ganha voz, se aproximando até mesmo de uma narrativa. Os textos, com frequência, convidam o leitor a participar e reiteram o processo interativo através do marcador conversacional “né?” e “sabe/sabia?”, tal estratégia também busca garantir o envolvimento do interlocutor visando a continuidade da leitura do texto motivada pela sua curiosidade, além disso, são perguntas próprias do discurso oral para checar sua concordância.

Marchesi *et al.* (2021) apontam que a construção dos sentidos de um texto se direciona ao leitor, a quem todo texto é voltado. O produtor de um texto considera sempre um possível leitor e este, ou a representação dele, encontra-se inscrito no texto, de forma explícita ou implícita.

Há textos que incluem explicitamente o leitor, invocando-o a participar ativamente, dialogando com o texto. Incluir o leitor explicitamente no texto constitui uma estratégia utilizada por diversos produtores que visam a comprometer o leitor na construção dos sentidos, fazer com que ele participe efetivamente dela. (MARCHESI *et al.*, 2021, p. 112)

Os pressupostos de autores que estudam a produção textual para ambientes digitais consolidam essa perspectiva. Dessa forma, percebe-se a influência de gêneros digitais orais na escrita dos estudantes do Ensino Fundamental no que se refere às marcas de interação explícitas replicadas em textos produzidos, como nos artigos de opinião. As autoras também mencionam Kellogg (2008), autor que revela que o grau de maturidade do produtor pode ser demonstrado pelo fenômeno da dimensão interacional da produção textual. O que faz total sentido visto que as produções analisadas pertencem a alunos que se encontram na faixa etária dos onze/doze anos que tanto recorreram à interação ao escrever, mesmo em gêneros nos quais essa forma de interação utilizada se configure como inadequada.

Na atividade comparativa, a professora promoveu a reflexão sobre as diferenças entre o uso da interação nos textos produzidos pelos alunos e nos vídeos postados nas mídias digitais. O quadro a seguir retoma o dado coletado.

**Quadro 8.** Manifestação oral da aluna registrada pela professora durante a atividade

Prof.<sup>a</sup>: Fazer perguntas, no texto escrito, para interagir com o interlocutor funciona como em um vídeo na internet?

Aluna E.F.: No *YouTube* as pessoas podem responder às perguntas nos comentários, no texto não.

**Fonte:** Elaboração própria

A resposta da aluna aproxima-se do que dizem as autoras. Para elas, “no ambiente digital, os artigos, além dos *hiperlinks*, são acompanhados por um espaço para comentários, uma interação mais próxima, ainda que assíncrona.” (Marchesi *et al.*, 202, p. 110) Além disso, reforçam que “a concepção de língua como forma de interação considera os participantes do processo comunicativo como sujeitos ativos; dessa perspectiva, o leitor reage de alguma forma ao texto” (Marchesi *et al.*, 2021, p. 112), portanto, também é um produtor, visto o caráter interacional que subjaz à produção textual na Web.

### 7.1.1 Interferência de revistas de divulgação científica na escrita

As construções discursivas marcando fortemente a interação e dialogismo entre autor e leitor foram frequentes nos artigos de opinião produzidos pelos alunos. Com isso, surge a possibilidade de outra fonte de influência que justifique esse uso: as revistas de divulgação científica infanto-juvenis, pois a estratégia de contato com os leitores é um traço do artigo de divulgação. Como exemplo, a seguir, há um fragmento do artigo “Marte, aqui vamos nós!” publicado pela revista “Ciência Hoje das Crianças” (chc).

***“Será que o sonho de habitar o famoso planeta vermelho pode ser realizado?”***

*Quem nunca ouviu alguma história ou viu algum filme que envolvia uma viagem a Marte ou mesmo a existência de seus supostos habitantes, os marcianos?*

(...)

*Diversas agências espaciais do mundo todo, e até algumas empresas, já miram no nosso planeta vizinho. (...) Mas, será mesmo possível estabelecer e manter uma base humana por lá? Podemos pensar juntos.*

(...)

*Outra coisa importante seria escolher o tipo de profissionais que seriam enviados ao planeta. (...)*

*Na sua opinião, quais profissionais seriam indispensáveis numa equipe que habitasse Marte? Lembre-se: não podemos mandar muita gente para lá de uma vez, a capacidade das espaçonaves é bem limitada. E animais? Você levaria algum para o planeta vermelho? Conta para gente!”(MOLINA, 2023).*

Marchesi *et al.* (2021) discutem a interação no gênero digital artigo de divulgação científica para crianças, para isso, as autoras relembram que um gênero revela sempre uma interlocução em uma dada situação comunicativa. Elas explicam que esse gênero, especificamente, é multimodal, e busca a interação com os leitores, de 7 a 14 anos, levando-os a participar da construção das ideias, sendo estas as características principais. Além disso, possui caráter também didático, devido à possível falta de conhecimento do público mais jovem. Emprega o discurso procedural, mas a linguagem se adapta ao leitor, aproximando-se da coloquialidade das crianças, e ocorre em contexto digital.

Temos visto e vivido, nas últimas décadas, fortes mudanças ocasionadas pelas tecnologias digitais, as quais transformaram os gêneros, que, ao circularem nos meios digitais, adquiriram novas características, em maior ou menor número, de acordo com a capacidade de adaptação ao ambiente digital, caso do artigo de divulgação científica para crianças, ou promoveram o surgimento de novos gêneros. (MARCHESI *et al.*, 2021, p. 107)

Para sanar essa dúvida, a professora dedicou uma das aulas para discutir e perguntar às turmas sobre seus hábitos de leitura e, como a maioria das respostas quanto à leitura de revista de divulgação científica foi negativa, concluiu-se que os alunos não leem tanto ao ponto de causar interferência na escrita. Com isso, a interferência fica por conta de outros gêneros digitais mais consumidos, os orais, como os próprios *vlogs* e os *podcasts*. Cabendo uma reflexão sobre o letramento destes indivíduos: assistir a vídeos, geralmente curtos, em espaços digitais é uma prática mais comum do que ler. Essa é uma resposta às demandas sociais da realidade em que estão inseridos, na qual a relação com a leitura e a escrita é mais negligenciada.

### **7.1.2 A percepção da interferência de gêneros digitais orais por uma professora *tiktoker* e por internautas**

A professora e *tiktoker* Gabi Elias, que define sua página no TikTok como um tipo de diário online, compartilha em um de seus vídeos, com duração de um minuto e publicado em julho de 2023, uma ideia similar a hipótese desta pesquisa. Ela afirma perceber, com certo espanto, uma semelhança entre o recurso de “recorte” das edições de vídeo e a fala das crianças atualmente. Trechos do que foi dito por ela na referida publicação estão transcritos no parágrafo a seguir.

*“Vocês já perceberam que a geração que agora tem, sei lá, nove, dez anos, oito, eles falam igual no YouTube? Eu ‘tava’ percebendo nos meus alunos hoje que eles falam como se eles cortassem, como se fosse um corte de cena. (...) Como se literalmente fosse um corte aqui. (...) Eles fazem isso em várias coisas, eles estão tendo uma conversa e aí eles, tipo, ‘ah porque ontem eu fui tomar um co-’ e aí eles continuam a conversa. (...) Gente, é muito nítido que é como se fosse uma edição de um vídeo, como se fosse um corte de um vídeo do YouTube, da rede vizinha ou daqui do TikTok, como se fosse uma edição.”*

O vídeo em questão, acessado em novembro de 2023, já conta com 950 mil visualizações e mais de 185 mil curtidas, sendo assim, um vídeo viral, e possui 4930 comentários. Na maioria deles, os internautas se identificam por reconhecerem tal prática na linguagem dos filhos, sobrinhos, primos ou irmãos mais novos. Além da relevância da conclusão a que chega Gabi Elias, aqueles que comentaram também contribuíram com a discussão. Com isso, doze comentários foram selecionados, porque podem reforçar a interferência dos gêneros digitais orais não apenas na escrita, como verificado na pesquisa, mas na fala das crianças. A percepção dessa influência é recente e crescente entre professores do Ensino Fundamental e demais pessoas que convivem e observam a linguagem dessa geração tão imersa na cultura digital.

**Quadro 9.** Comentários de internautas

1	<p>Letícia Andrade meus primos parecem uns vídeos ambulantes falando. a entonação, as gírias, os assuntos. é engraçado e assustador</p> <p>3d Responder   2169 </p>
2	<p>Rafaela é MUITO bizarro, esses dias vi uma criança abrindo um presente e falando igual fosse um unboxing</p> <p>22h Responder   3247 </p>
3	<p>•bibia• meu irmão literalmente fala como se tivesse em um vlog, tipo "iaí galera, raul aqui na área" do nada KAKAKAKKAKAKAKAKAKAKA</p> <p>3d Responder  995 </p>
4	<p>Veronica Araujo minha sobrinha brincando de boneca e gravando vlog de maternidade kkkkkk</p> <p>09-12 Responder  1 </p>
5	<p>Leiliane Doval A minha com 3 entrou numa dr narrar tudo o que fazia. Daí um dia ela: Olha agora eu estou comendo arroz, vocês estão vendo? +</p> <p>22h Responder  238 </p>
6	<p>lyslynekelly867 a minha as vezes fala como se tivesse realmente gravando um vídeo tipo: Oi galerinha. 😂</p> <p>1h Responder  </p>
7	<p>Juzitoo a minha irmã fala sozinha sempre TODO MOMENTO como se estivesse gravando um vídeo, ainda solta um "então gente, hoje..."</p> <p>3h Responder  </p>

8	<p>Kel meus sobrinhos falam assim tbm</p> <p>2h Responder</p> <p> </p>
9	<p>sophia mendes até a entonação caraaa</p> <p>2h Responder</p> <p> </p>
10	<p>DesiréeΩ So faltam eles adicionarem uma música de fundo</p> <p>3h Responder</p> <p> 1 </p>
11	<p>ly. Mds, meu irmão fala assim e eu nunca percebi que era por isso</p> <p>1h Responder</p> <p> </p>
12	<p>Lais Araujo Meu cérebro explodiu agora pq meus alunos fazem isso e eu não tinha associado.</p> <p>35min Responder</p> <p> </p>

Fonte: TikTok @gabeliasv

Nos primeiro comentário, a internauta compara seus primos a “vídeos ambulantes”, a comparação é justificada pela semelhança entre as gírias, os assuntos e a entonação, sendo o último elemento reforçado pelo 9º comentário. No 2º, a usuária manifesta sua surpresa por ter presenciado uma criança abrir um presente fazendo *unboxing*. *Unboxing* significa “desempacotando” ou “tirando da caixa”, consiste em desembalar um produto recém-adquirido ou recebido, ter o primeiro contato com ele e analisar suas características e detalhes frente às câmeras a fim de divulgar posteriormente a gravação nas redes sociais. É uma prática comum no meio virtual, principalmente entre blogueiras e influenciadores digitais, novamente daí se origina o comportamento observado na criança.

O 3º e 4º comentários mencionam um dos gêneros textuais a que se debruça esta pesquisa, o *vlog*, havendo a constatação no primeiro, pela internauta, de que seu irmão fala como se estivesse em um *vlog*, pois ele usa a expressão “E aí galera” como marca de cumprimento de saudação e interação, seguida por “Raul aqui na área” em que

emprega a 3ª pessoa do discurso como forma de se apresentar para o interlocutor. Nos próximos comentários, os mesmos aspectos se repetem, no 5º também é exposto que foi notada na fala da criança uma marca de interação através da pergunta “você estão vendo?”, se valendo do pronome “você” para marcar o interlocutor, sendo essa a mesma construção encontrada nos artigos de opinião produzidos pelos alunos dos 6º anos. No 6º e 7º, é frisada mais uma vez a ideia de que as crianças se comunicam, ora sozinhas, de modo que realmente parecem estar gravando um vídeo, uma vez que usam as expressões “Oi, galerinha” e “Então gente, hoje...” simbolizando uma conversação virtual comum ao marcar o seu público hipotético: “galerinha” e “gente”.

No 10º, o internauta cita outro recurso da edição de vídeos, a música de fundo, apontando ser esta uma característica ainda ausente nas falas, assumindo sutilmente que as demais já estão presentes, entre elas, o recurso “recortar” percebido pela professora e *tiktoker* que gerou toda a discussão rica de exemplos cotidianos. Os últimos comentários, 11º e 12º, se aproximam, pois os internautas admitem reconhecer crianças que falam assim, mas desconhecem a razão para isso até então. A última internauta, inclusive, é também professora e fez sua reflexão baseada em seu contexto escolar, por meio da fala de seus alunos, pois, segundo ela, eles também “fazem isso”, ou seja, empregam discursos próprios das mídias digitais em outras situações comunicativas, possivelmente também em produções textuais.

## 7.2 Marcas de oralidade e gírias

“Entre as formações vernáculas neológicas numa língua, merecem referência especial as gírias. A gíria é uma criação popular que nasce da busca de maior expressividade” (BIDERMAN, 1978, p. 161). Segundo a autora, dificultar a descodificação da mensagem é outra razão que motiva as gírias. Biderman (1978) também destaca a efemeridade das gírias de estudantes e jovens, uma vez que não é garantido que se mantenham no léxico do português, embora já dicionarizadas. Pode-se afirmar que as gírias muito se relacionam com a oralidade.

É da essência da linguagem oral buscar o máximo de expressividade; assim os usuários da língua a consideram, com frequência, desgastada e descolorida, o que os leva a inventarem novos matizes metafóricos e metonímicos para palavras velhas, ou a inventarem novas formas que eles julgam corresponder melhor àquilo que pretendem dizer.” (BIDERMAN, 1978, p. 161)

Segundo Martins (2003), a gíria não só transmite significado, mas também remete a uma época, a um lugar, a um meio social ou cultural. Entre as linguagens especiais, que evocam certas classes sociais ou grupos profissionais, ela é a que mais oferece possibilidades expressivas e traços afetivos intensos. Para a autora, neste século, a gíria tem sido, inclusive, acolhida na literatura, reproduzindo os meios populares dos centros urbanos.

Em busca dessa expressividade citada por Biderman (1978) e por Martins (2003), os alunos recorreram ao uso das gírias ao produzirem os artigos de opinião, bem como das marcas de oralidade, palavras e expressões usadas de modo coloquial na fala que são transferidas para a escrita. Todas as ocorrências, somando doze, se encontram no quadro a seguir.

**Quadro 10.** Ocorrências de marcas de oralidade e gírias

1	“A transição do papel para o digital (...) <u>tá</u> diminuindo desmatamento de árvores” (A.F.)
2	“ <u>Bom</u> , você lembra da época do papel? Era meio difícil (...)” (D.S.)
3	“Mas <u>bora</u> falar da tecnologia.” “(...) e isso é ruim <u>né</u> <sup>5</sup> ?” (E.V.)
4	“ <u>Bom</u> , na minha opinião precisamos plantar mais árvores (...)” (R.C.)
5	“Mas o que o sustentável tem a ver com tecnologia? Este assunto tem a ver com a nossa consciência <u>tipo</u> pensar no próximo (...)” (S.T.)
6	“A tecnologia sustentável é uma tecnologia que não vai continuar prejudicando o planeta <u>daí</u> o nome sustentável algo que não vai ferir a nossa e a geração futura.” (E.F.)
7	“ <u>Bom</u> , a troca do papel para o digital é uma evolução para um ambiente mais saudável e mais prático.” “(...) imagine quantas folhas são gastas em um ano de prova no Brasil inteiro

<sup>5</sup> O “né” aparece na primeira categoria como marcador de interação e na segunda, por ser marcador de fala.

	muito <u>né.</u> ” (E.G.)
8	“ <u>Bom</u> , a natureza é muito linda e impressionante <u>bom</u> , vamos começar pelo agente natural mais forte o vento <u>bom</u> você já viu ciclone bomba? <u>É isso mesmo</u> aquilo é poderoso (...) <u>tá</u> vou simplificar (...) já deu para entender <u>né?</u> <u>Então bora</u> para outra linha então vamos falar sobre as árvores geralmente o povo está desmatando as árvores <u>queimando elas</u> e isso é triste isso <u>pq</u> a natureza dá de graça (...) eu peço a todos não queimem árvores você precisa dela <u>:(:(</u> ” (K.M.)
9	“O meu ponto de vista é que <u>tá</u> tendo muitos jogos inadequados para as crianças: <u>tipo</u> , free fire, GTA (...)” (K.S.)
10	“E temos que pensar positivo e achar algumas soluções <u>tipo</u> o uso da tecnologia sustentável.” (L.C.)
11	“A tecnologia ajudou muito a natureza, <u>tipo</u> economizando árvores, a humanidade também tem que parar de gastar árvores <u>tipo</u> não fazer bolinhas, não gastar folha a toa.” (L.F.)
12	“Temos que cuidar do nosso planeta porque <u>jaja</u> o mundo não vai aguentar (...) não é só o mundo que <u>tá</u> sendo prejudicado (...)”  “(...) as árvores sendo cortadas para fazer papel <u>ai</u> que a tecnologia entra temos que <u>para(r) de desperdiça(r)</u> papel imagina cada dia várias árvores sendo cortadas.” (M.M.)

**Fonte:** Elaboração própria

As gírias mais utilizadas foram “bora” e “tipo”, sendo, portanto, muito populares entre os alunos e, não coincidentemente, entre produtores de conteúdo digital. “Bora” está presente nas ocorrências 3 e 8, pode ser considerada uma redução de “vamos embora” e funciona como um incentivo para ir a algum lugar, nesses casos, foi empregada com o intuito de convidar o leitor a ir para outro assunto do texto. “Tipo” aparece nas ocorrências 5, 9, 10 e 11 e em todos os casos, equivale a expressão “por exemplo”. Na ocorrência 12, surge a gíria “jaja” que indica rapidez se referindo ao tempo.

Na atividade comparativa, a aluna dá a entender em sua fala que escrever “corretamente” significa “não usar gírias” ao colocar tais ideias em aparente oposição.

O trabalho, portanto, se faz importante para ensinar que o uso da gíria não é errado, basta que esteja contextualizado, ou seja, adequado para determinada situação comunicativa. É possível rever o fragmento do diálogo no quadro a seguir.

**Quadro 11.** Manifestação oral da aluna registrada pela professora durante a atividade

Prof.<sup>a</sup>: Como vocês perceberam a linguagem formal no artigo de opinião?

Aluna T.V.: É sério, não é nem um pouco descontraído.

Prof.<sup>a</sup>: O que mais?

Aluna T.V.: Tem palavras corretas, não tem gírias.

**Fonte:** Elaboração própria

Quanto às marcas de oralidade, as mais frequentes foram “tá”, “bom” e “né”. “Tá” foi utilizada nas ocorrências 1, 8, 9 e 12, muito comum na fala e na internet, é uma redução do verbo “está” e teve esse sentido em todos os casos com exceção do 7, em que significou “ok”. Nas ocorrências 2, 4, 7 e 8, “bom” teve a função de dar início aos textos. Já em 3, 7 e 8, a forma contraída da expressão “não é”, “né”, foi usada para confirmar o que foi escrito anteriormente, ou seja, solicitar a aprovação do leitor sobre as informações anteriores. “Daí” e “aí”, presentes nas ocorrências 6 e 12, respectivamente, indicaram uma consequência ou conclusão decorrente do que foi escrito antes. Em “queimando elas”, 8, há o uso do pronome pessoal do caso reto ao invés do oblíquo, traço comum da oralidade e da informalidade. Além disso, “para(r) de desperdiça(r)” sem o R final dos verbos infinitivos, ocorrência 12, tem origem na oralidade por ser tentativa do aluno de reproduzir o som da fala na escrita, revelando uma dificuldade quanto à relação fonema-grafema.

A oralidade vai além da transmissão sonora, ela também é compreendida pelos recursos visuais ocorridos simultaneamente à fala, os gestos, por exemplo. No *vlog* científico produzido, um aluno fez o gesto de digitação com as mãos, ou seja, simulando o uso de teclado de computador, enquanto falava sobre a transição da máquina de escrever para o computador, logo, intensificou o sentido produzido.

Todos os traços da fala cotidiana que apareceram nas produções textuais podem ser consequentes da interferência de gêneros digitais orais, a ocorrência 8 torna isso mais evidente, pois o aluno emprega o internetês, citado por Rojo (2009), ao utilizar “pq”, redução de “porque” e “:(” em que os dois-pontos somado ao parêntese reproduz um emoji, usado em mensagens eletrônicas, que representa tristeza.

### 7.3 Escolhas lexicais

Biderman (1978) admite que o sistema linguístico constitui uma forma de representação da realidade, sobretudo, o léxico. O léxico, para a autora, é o conjunto das experiências de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades. Na prática, são os falantes que criam e conservam o léxico de sua língua. Assim, ele se expande, se altera e, às vezes, se contrai. A dificuldade de estudar o léxico de uma língua se deve justamente ao fato de ser este um sistema aberto.

O ensino de léxico voltado a gerações de alunos inseridas em uma cultura digital é um processo permeado pela interferência dos gêneros digitais que promovem a interação constante com a informação. Uma parte das escolhas lexicais feitas pelos alunos durante a produção dos artigos de opinião revela informalidade e proximidade com a fala, como disposto no seguinte quadro.

**Quadro 12.** Ocorrências de escolhas lexicais

1	“Hoje vim falar sobre o papel, o papel é <u>uma coisa</u> muito utilizada no dia a dia (...)” (A.S.)
2	“ <u>Agora é hora de encaixar as peças do quebra-cabeça</u> , se no mundo tivesse só tecnologia (...)” (L.F.)
3	“(...) então <u>a gente</u> sempre que puder tem que economizar sempre o papel.” (M.F.)
4	“As pesquisas falam que se <u>a gente</u> não mudar os hábitos, vamos ter que colonizar marte.” (N.B.)
5	“Precisamos cuidar mais do que temos ao nosso favor porque <u>nada cai do céu a não ser chuva</u> .” (R.C.)
6	“Eu acho que seria <u>legal</u> que a tecnologia trocar o papel para alguma <u>coisa</u> tecnológica.”  “Se a tecnologia for aumentando <u>mais e mais</u> ” (E.S.)
7	“(...) A tecnologia sustentável, uma tecnologia que ajuda o meio ambiente invés de maltratá-lo, <u>para a minha pessoa</u> isso é muito eficiente, ajuda muitas pessoas

<p>e principalmente o meio ambiente e os animais, e isso é muito <u>legal</u>, porque mostra o quanto os seres humanos evoluíram a tecnologia. (...) Então faça um pouco da sua parte, <u>nem que seja só um pouquinho</u>.” (F.G.)</p>
---

**Fonte:** Elaboração própria

Na ocorrência 1, a expressão “uma coisa” ocupa o lugar de um pronome demonstrativo. Nas ocorrências 2 e 5, os alunos optaram por usar expressões idiomáticas, isto é, construções peculiares de uma língua, geralmente empregando o sentido conotativo. “Agora é hora de encaixar as peças do quebra-cabeça” foi usada com o sentido da necessidade de reflexão, entendimento e busca por solução, uma vez que “quebra-cabeça” metaforicamente simboliza um problema, uma situação complicada de difícil resolução. “Nada cai do céu a não ser chuva”, popularmente conhecida, foi usada com o sentido de não conseguir algo com facilidade, sem esforço.

Nas ocorrências 6 e 7, há a escolha do adjetivo “legal”, qualificando positivamente, e também o emprego da expressão “mais e mais” e o diminutivo “só um pouquinho” com a função de advérbios de intensidade. Em todos os casos, percebe-se o caráter coloquial das escolhas. Por fim, o uso da 1ª pessoa, característico em artigos de opinião, foi feito empregando “a gente” ao invés de “nós”, nas ocorrências 3 e 4. Outra forma de marcar a 1ª pessoa foi a expressão “para a minha pessoa”, em 7.

Conforme Alves (1990), o acervo lexical de todas as línguas vivas se renova. Enquanto algumas palavras entram em desuso, uma grande quantidade de unidades léxicas são criadas pelos falantes. Biderman (1978) afirma que a unidade léxica se faz dentro dos quadros gramaticais e semânticos de cada língua e aponta critérios para delimitar e definir palavra, o fonológico, o gramatical e o semântico, revelando a importância de operar com os três simultânea e sucessivamente. Além disso, ela destaca que o léxico engloba todo o universo da significação e que os processos de categorização léxica também são específicos de cada língua, assim, as categorias léxicas variam de língua para língua. Para Biderman (1978), portanto, o léxico é um sistema em expansão, enquanto a língua existir, constantemente novas criações serão incorporadas a ele. A atividade humana em todos os domínios é a causa da ampliação sempre crescente do léxico cuja aprendizagem jamais finda durante toda a vida do indivíduo.

Isso demanda das escolas ampliar o ensino de léxico adotando novas abordagens que incluam, nas salas de aula, a análise e a reflexão a respeito do intuito das escolhas lexicais em textos lidos e produzidos, bem como seus efeitos de sentido, por exemplo.

Nesse sentido, espera-se um ensino voltado para a formação de alunos conscientes e donos de um repertório lexical que armazena, de fato, significação. Além disso, busca-se instigar os alunos a usarem a própria observação em relação às palavras, a fim de entender nelas os sentidos possíveis, como ocorreu em um dos diálogos da atividade comparativa, no qual a aluna observou a diferença de vocabulário entre os gêneros estudados:

**Quadro 13.** Manifestação oral dos alunos registrada pela professora durante a atividade

Prof. <sup>a</sup> : O que tem de diferente entre os dois gêneros?
Aluno F.G.: As palavras.
Aluno K.S.: A linguagem.

**Fonte:** Elaboração própria

#### 7.4 Construções gramaticais

As construções gramaticais nas produções de artigo de opinião dos alunos se deram por meio de enunciados imperativos e locuções verbais de futuro mais comuns na oralidade. Todas as ocorrências foram adicionadas no quadro a seguir.

**Quadro 14.** Ocorrências de construções gramaticais

1	“Hoje <u>vim falar</u> sobre o papel, o papel é uma coisa muito utilizada no dia a dia (...)” (A.S.)
2	“ <u>Refleta</u> sobre isso, <u>tome</u> sua decisão, <u>faça</u> sua parte, <u>olhe</u> a situação e <u>pense</u> no que isso pode causar no futuro.” (D.C.)
3	Agora <u>pense</u> nas tecnologias que ajudam o meio ambiente. (E.C)
4	“Mas bora <u>falar</u> da tecnologia.” (E.V.)
5	“As pesquisas <u>falam</u> que se a gente não mudar os hábitos, <u>vamos ter</u> que colonizar marte.” (N.B.)
6	“Sim o papel <u>vai ser</u> totalmente trocado para o digital.” (R.F.)
7	“ <u>Vamos falar</u> um pouco sobre a tecnologia sustentável, em minha opinião sustentável é a preocupação do futuro (...)”  “Desmatar também é errado sabia? Não, por que? Porque nós ficaremos sem

	oxigênio. Agora <u>vamos falar</u> um pouco da transição do papel para o digital, você sabe o que é a evolução do papel para o digital? Não então <u>vou explicar</u> para você. (...)” (S.K.)
8	“Nesse artigo de opinião <u>vamos falar</u> sobre a transição do papel para o digital (...)”(E.F.)
9	“Hoje eu <u>vou falar</u> da minha opinião sobre o desmatamento. Eu acho que <u>seria</u> legal que a tecnologia trocar o papel para alguma coisa tecnológica.” (E.S.)
10	“E na minha escola, nós fizemos um cálculo de que em média nós gastamos pelo menos 1476 folhas em um mês de prova então <u>imagine</u> quantas folhas são gastas em um ano de prova no Brasil inteiro muito né. <u>Pense</u> a respeito.” (E.G.)
11	“Nesse artigo de opinião <u>iremos falar</u> sobre a transição do papel para o digital, na minha opinião (...)” (G.B.)
12	“Pesquisas mostram que aparelhos digitais <u>vão ajudar</u> a reduzir o desmatamento, pois o papel é muito utilizado no mundo.” (J.E.)
13	“Bom, a natureza é muito linda e impressionante bom, <u>vamos começar</u> pelo agente natural mais forte o vento bom você já viu ciclone bomba? É isso mesmo aquilo é poderoso (...) tá <u>vou simplificar</u> (...) já deu para entender né? Então bora para outra linha então <u>vamos falar</u> sobre as árvores geralmente o povo está desmatando as árvores queimando elas e isso é triste isso <u>pq</u> a natureza dá de graça (...) eu peço a todos não queimem árvores você precisa dela :(:( ” (K.M.)
14	“Se você tem um celular, notebook, computador e vídeo game, <u>lembre-se</u> sempre de se divertir com sua família e nunca viciar no bem material (...)” (K.S.)
15	“(…) as árvores sendo cortadas para fazer papel aí que a tecnologia entra temos que <u>para(r)</u> de <u>desperdiça(r)</u> papel <u>imagina</u> cada dia várias árvores sendo cortadas.” (M.M.)

Fonte: Elaboração própria

Nas ocorrências 1, 4, 5, 7, 8, 9, 11 e 13, o verbo “falar”, que remete à oralidade, isto é, costuma aparecer em gêneros orais como o seminário, por exemplo, foi utilizado para introduzir a temática do texto, composição bastante similar, como já visto anteriormente na pesquisa, na abertura de *vlogs* e outros vídeos que circulam na internet. Esse uso aparece com certas variações: “vim falar”, “bora falar” e “vou falar” na 1ª pessoa do singular; “vamos falar” e “iremos falar”, no plural; e “as pesquisas falam” na 3ª pessoa. Nas ocorrências 1, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12 e 13 há o predomínio, em uma análise sintática, de locuções verbais no infinitivo e no futuro, que transmitem, semanticamente, a ideia de algo que está por ser realizado: “vamos ter”, “vai ser”, “vou explicar”, “vão ajudar”, “vamos começar” e “vou simplificar”, além das várias locuções com os verbos “ir” e “falar”. Alguns dos verbos infinitivos foram escritos sem o R final devido ao processo de passagem da fala para escrita no que se refere à relação fonema-grafema.

Nas ocorrências 2, 3, 10, 14 e 15 predomina a presença de verbos de ordenar e de prescrever no modo imperativo estimulando a ação. Além de buscar uma interação direta com o leitor, como já discutido, os textos produzidos evidenciam, diante dessas construções gramaticais, que o propósito não foi o de somente argumentar, mas o de fazer agir, convidando-o a participar. Desse modo, os textos trazem enunciados imperativos como: “reflita”, “tome”, “faça”, “olhe”, “pense”, “imagine” e “lembre-se”, sendo que “pense” é o mais utilizado se repetindo três vezes.

## 7.5 Compreensão pelos alunos

Para finalizar a terceira etapa do módulo “Atividade comparativa: transitando entre os dois gêneros”, bem como finalizar a sequência de atividades, foi elaborado um último exercício que, só aparece agora nesta pesquisa, porque fornece uma conclusão a respeito da proficiência alcançada pelos alunos, sendo pertinente compor somente o capítulo referente à análise dos dados coletados.

Para elaborar a questão, a professora utilizou dois fragmentos, um retirado do artigo de opinião e o outro do *vlog* científico. Ambos se caracterizavam por apresentar marcas de oralidade, de interação e de informalidade. O objetivo era identificar e avaliar, com o término da atividade, o nível de compreensão atingido pelos alunos a respeito da adequação dos discursos em diferentes gêneros.

Dessa forma, foi apresentado aos alunos o enunciado abaixo, mas antes disso, a professora exibiu a parte do *vlog* científico produzido correspondente ao fragmento selecionado. Em seguida, mobilizou um breve diálogo lembrando outro trecho do *vlog* científico para discutir se poderia ser inserido em um artigo de opinião. O trecho lembrado continha “oi” introdutório e a frase “aí já era né, não tem como apagar”, no contexto em que o aluno apresentava uma máquina de escrever aos interlocutores explicando a consequência de digitar uma palavra errada. Durante a discussão, os alunos responderam um uníssono “não”, quanto à inserção do trecho em um artigo de opinião.

**Quadro 15.** Enunciado da questão comparativa

Leia a seguir uma frase retirada do artigo de opinião produzido por um(a) aluno(a):

*“(...) temos tecnologia sustentável, mas e você, quer saber mais do assunto? Então vem, vamos lá!”*

Agora leia outra frase retirada do *vlog* científico produzido pelos alunos:

*“Você sabe de onde o papel veio e do que ele é feito? Se você quer descobrir, vem com a gente!”*

Essas frases são mais adequadas para qual gênero textual: artigo de opinião ou *vlog* científico? Justifique sua resposta.

**Fonte:** Elaboração própria

Contatou-se que do 6º ano A foram obtidas 28 respostas, pois no dia da atividade houve três ausências. Delas, 20 alunos (72%) atingiram respostas satisfatórias e 8 alunos (28%) responderam incorretamente à questão. No 6º ano B, o número de respostas se repetiu, 28, com duas ausências. 24 alunos (86%) atingiram respostas satisfatórias e 4 alunos (14%) não. As duas turmas totalizaram aproximadamente 79% de acertos. Esses dados revelam um resultado significativamente positivo, embora não unânime. Vale ressaltar que a atividade foi desenvolvida individualmente e sem consulta. Quanto às justificativas, algumas estavam corretas e outras apenas parcialmente. Para verificação, dezessete delas foram dispostas nos quadros a seguir. Abaixo das imagens foram feitas as transcrições das respostas dos alunos para maior compreensão do leitor.

Quadro 16. Respostas obtidas da turma 6º ano A

FICARIA MELHOR NO VLOG CIENTÍFICO, POIS CONTEM GÍRIAS, INTERAÇÕES COM O LEITOR (INTERLOCUTOR) E MUITO O USO DE "VOCÊ" PARECENDO MAIS COM O NOSSO COTIDIANO, COM PALAVRAS DA NOSSA FALA E PERGUNTAS PARA QUEM ESTÁ LENDO, DEIXANDO A PESSOA MAIS CONFORTAVEL, DANDO UM INTERESSE PARA QUEM ESTÁ LENDO.

Ficaria melhor no *vlog* científico, pois contém gírias, interações com o leitor (interlocutor) e muito o uso de “você” parecendo mais com o nosso cotidiano, com palavras da nossa fala e perguntas para quem está lendo (...)

vlog científico, pois tem perguntas e cita a palavra "você" e isso não é adequado para o artigo de opinião, o vlog científico é mais informal isso quer dizer que contém gírias já o artigo de opinião é formal ou seja é mais sério

*Vlog* científico, pois tem perguntas e cita a palavra “você” e isso não é adequado para o artigo de opinião, o *vlog* científico é mais informal, isso quer dizer que contém gírias, já o artigo de opinião é formal, ou seja, é mais sério.

- O gênero textual mais adequado seria o vlog científico pois tem o uso de gírias, interação com o interlocutor e serem mais viável o uso da fala/oralidade nesse tipo de vlog e o uso importante do "você". Não seria o artigo de opinião pois ele usa a linguagem formal e escrita já o vlog pode ser informal.

O gênero textual mais adequado seria o *vlog* científico, pois tem o uso de gírias, interação com o interlocutor e serem mais viável o uso da fala/oralidade nesse tipo de *vlog* e o uso importante do “você”. Não seria o artigo de opinião, pois ele usa a linguagem formal e escrita. Já o *vlog* pode ser informal.

R: não mais adequadas são o gênero vlog científico pois as duas é usada a linguagem informal fazendo elas ser vlog científico, porque não é artigo de opinião ou não não pode ser pois não traz a linguagem formal, por trazerem palavras informais exemplos: "então vem", "vamos lá", "vem com a gente", então o mais adequada é vlog científico

São mais adequadas para o gênero *vlog* científico, pois as duas é usada a linguagem informal fazendo elas ser *vlog* científico, porque não é artigo de opinião, ou seja, não pode ser, pois não traz a linguagem formal, por trazerem palavras informais, exemplos: “então vem”, “vamos lá”, “vem com a gente”, então o mais adequado é *vlog* científico.

No vlog científico, pois o aluno tenta fazer perguntas para o público e isso não se encaixa no artigo de opinião e no vlog tem falas informais e para o artigo de opinião precisa ser linguagem formal e nas falas “então vem, vamos lá” e “vem com a gente” são linguagens informais, então não se encaixa no artigo de opinião.

No vlog científico, pois o aluno tenta fazer perguntas para o público e isso não se encaixa no artigo de opinião e no vlog tem falas informais e para o artigo de opinião precisa ser linguagem formal e nas falas “então vem, vamos lá” e “vem com a gente” são linguagens informais, então não se encaixa no artigo de opinião.

As frases se adaptam mais no vlog científico, pois as linguagens que são mais usadas são informais, e as frases que são faladas pelos sujeitos estão envolvidas com esse tipo de linguagem. Há mas porque não seria o outro? Simplesmente pelo fato do artigo de opinião ser palavras mais formais, e os sujeitos falam “você” que usam geralmente no vlog científico.

As frases se adaptam mais no vlog científico, pois as linguagens que são mais usadas são informais, e as frases que são faladas pelos sujeitos estão envolvidas com esse tipo de linguagem. Ah mas por que não seria o outro? Simplesmente pelo fato do artigo de opinião ser palavras mais formais, e os sujeitos falam “você” que usam geralmente no vlog científico.

São mais adequadas para um vlog científico, pois há perguntas que buscam interação com aqueles que estão assistindo ao vlog, o tipo de linguagem não se adequa ao artigo de opinião e também as perguntas de um artigo de opinião procuram fazer uma reflexão na mente do leitor e não interagir com o mesmo.

São mais adequadas para um vlog científico, pois há perguntas que buscam interação com aqueles que estão assistindo ao vlog, o tipo de linguagem não se adequa ao artigo de opinião e também as perguntas de um artigo de opinião procuram fazer uma reflexão na mente do leitor e não interagir com o mesmo.

As duas frases são mais adequadas para o vlog científico, pois ele usa gírias e tenta interagir com o interlocutor, pois nas frases ele usa “(...) e você, quer saber mais do assunto?” e “(...) se você quer descobrir...”, assim ele tenta meio que conversar com o interlocutor fazendo perguntas e usaram a gíria ao falar “então vem, vamos lá!”

As duas frases são mais adequadas para o *vlog* científico, pois ele usa gírias e tenta interagir com o interlocutor, pois nas frases ele usa “(...) e você, quer saber mais do assunto?” e “(...) se você quer descobrir...”, assim ele tenta meio que conversar com o interlocutor fazendo perguntas e usaram a gíria “então vem, vamos lá!”.

#### Quadro 17. Respostas obtidas da turma 6º ano B

São mais adequadas ao gênero textual *Vlog Científico*, pois nessas frases há perguntas com intenção de interagir com o interlocutor e também é uma linguagem informal, por exemplo: “vem com a gente”, o formal seria venha conosco.

São mais adequadas ao gênero textual *vlog* científico, pois nessas frases há perguntas com intenção de interagir com o interlocutor e também é uma linguagem informal, por exemplo: “vem com a gente”, o formal seria venha conosco.

= São mais adequadas ao *VLOG CIENTÍFICO*, pois interagem com o interlocutor, fazem perguntas, e a linguagem é informal, é interativo e também não é um texto escrito e sim um vídeo. Ok, mas porque não poderia ser um artigo de opinião? Não poderia ser, pois o artigo é formal, um texto escrito e não é interativo com o interlocutor.

São mais adequadas ao *vlog* científico, pois interagem com o interlocutor, fazem perguntas, e a linguagem é informal, é interativo e também não é um texto escrito e sim um vídeo. Ok, mas por que não poderia ser um artigo de opinião? Não poderia ser, pois o artigo é formal, um texto escrito e não é interativo com o interlocutor.

R: São mais adequadas no vlog científico, pois usa uma linguagem mais informal que agrega perguntas em meio a elas tendo mais interação com o leitor. E no artigo de opinião usa-se uma linguagem mais formal e ele se distancia mais do interlocutor e se trata de um texto escrito.

São mais adequadas no vlog científico, pois usa uma linguagem mais informal que agrega perguntas em meio a ela tendo mais interação com o leitor. E no artigo de opinião usa-se uma linguagem mais formal e ele se distancia mais do interlocutor e se trata de um texto escrito.

Vlog científico, pois os fragmentos apresentados se adaptam a esse gênero, já o “artigo de opinião” usa uma linguagem certamente mais séria, ou seja, formal, é mais (comum) ver esses tipos de frases em conversas com amigos, colegas, etc. Utiliza a interação e por isso é um vlog científico.

Vlog científico, pois os fragmentos apresentados se adaptam a esse gênero, já o “artigo de opinião” usa uma linguagem certamente mais séria, ou seja, formal, é mais (comum) ver esses tipos de frases em conversas com amigos, colegas, etc. Utiliza a interação e por isso é um vlog científico.

São mais adequadas com o gênero: vlog científico, pois o vlog científico já vem proposto para interagir com o público, e a linguagem é mais informal, tem mais gírias da nossa fala.

São mais adequadas com o gênero vlog científico, pois o vlog científico já vem proposto para interagir com o público, e a linguagem é mais informal, tem mais gírias da nossa fala.

São mais adequadas para o vlog científico, pois o trecho “vem com a gente!” é um trecho muito usado em vídeos de aplicativo.

São mais adequadas para o vlog científico, pois o trecho “vem com a gente!” é um trecho muito usado em vídeos de aplicativo.

São mais adequadas o vlog científico, pois é mais interativa e também a linguagem informal, e o artigo de opinião é uma linguagem mais séria, nos vlogs são feitos em fala e com gírias.

São mais adequadas no vlog científico, pois é mais interativo e também é a linguagem informal, e o artigo de opinião é uma linguagem mais séria, os vlogs são feitos em fala e com gírias.

São mais adequadas no vlog científico, pois é uma linguagem mais descontraída, que normalmente é usada entre amigos, família e etc, não poderia ser um artigo de opinião, pois não expressa nenhuma opinião, não é formal e se aproxima do interlocutor.

São mais adequadas no vlog científico, pois é uma linguagem mais descontraída, que normalmente é usada entre amigos, família, etc. Não poderia ser um artigo de opinião, pois não expressa nenhuma opinião, não é formal e se aproxima do interlocutor.

R= São mais adequadas para o vlog científico, pois a pessoa que está fazendo as perguntas está interagindo com o leitor e usando gírias. Não poderia ser o artigo de opinião, pois o artigo de opinião é mais formal e não poderia ter gírias porque iria ficar informal.

São mais adequadas para o vlog científico, pois a pessoa que está fazendo as perguntas está interagindo com o leitor e usando gírias. Não poderia ser o artigo de opinião, pois o artigo de opinião é mais formal e não poderia ter gírias, porque iria ficar informal.

**Fonte:** Elaboração própria

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve por objetivos contribuir para a ampliação do contato dos alunos do Ensino Fundamental (Anos Finais) com os gêneros textuais *vlog* científico e artigo de opinião para organizar a relação entre oralidade e escrita; e investigar a possível interferência de gêneros digitais orais na escrita dos estudantes.

Explorando o acumulado de reflexões ao longo dos módulos e etapas da sequência de atividades aplicada para atingir os objetivos, nos quais foi traçado um comparativo entre os gêneros por meio de produções textuais, foi possível constatar resultados profícuos. Nas produções de artigo de opinião, foram encontradas marcas de interação, marcas de oralidade e gírias, escolhas lexicais e construções gramaticais que revelaram textos muito similares aos gêneros digitais orais, sustentando a hipótese de que o letramento digital no cotidiano, durante e após o período pandêmico, interfere na escrita dos estudantes por desconhecerem os aspectos que caracterizam e diferenciam os gêneros.

No entanto, com a conclusão da sequência de atividades, os alunos, em sua maioria, compreenderam as diferenças, principalmente de repertório vocabular, refletindo sobre os usos adequados da língua numa dada situação, pois, para cada situação comunicativa, há objetivos diversos relacionados ao uso da escrita e da oralidade. Espera-se que eles se apropriem dos conhecimentos, uma vez entendido que determinadas escolhas lexicais são típicas de gêneros digitais orais, não escritos, para que essa intervenção pedagógica em Língua Portuguesa tenha de fato contribuído com a formação discente e atendido à realidade da atual geração que, portanto, poderá estabelecer relações entre aquilo que estudam e a sua vida cotidiana.

A percepção, pela professora, da maior compreensão da relação entre oralidade e escrita pelos alunos, que costuma ser reduzida à ortografia e truncamentos, se ampliou, porque, embora as atividades tenham sido realizadas no ano de 2022, ela seguiu dando aula para as mesmas turmas em 2023. Assim, pôde dar continuidade à observação e notar a evolução exitosa de grande parte dos alunos, também no que se refere às adequações ao texto escrito de registro formal.

Além disso, espera-se que a pesquisa tenha contribuído para i. impulsionar as reflexões a respeito da interferência de gêneros digitais orais na escrita, pois, com o avanço tecnológico, certamente ainda surgirão outros gêneros digitais incorporados ao

cotidiano. Muitos deles produzidos por influenciadores digitais, a própria denominação dessa nova profissão sugere a influência e, se ela ocorre no comportamento humano, também pode ocorrer nas práticas de linguagem, sobretudo, na escrita, com maior incidência na faixa etária dos 6º anos, como investigado nesta pesquisa, já que são mais influenciáveis nessa fase; ii. dialogar com outros docentes da educação básica, visto que é importante o desenvolvimento de estudos voltados para a cultura e gêneros digitais, sua relação com a interação, a leitura e a escrita dos estudantes do Ensino Fundamental (Anos finais).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Maria Ieda. Neologismo – Criação lexical. São Paulo: Ática, 1990.
- ANTUNES, Irandé. *O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2012.
- BAKHTIN, M. Gêneros do discurso. Organização, tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Sergei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, M. Gêneros do discurso. In: *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 297-326.
- BENTES, A. C. Linguagem oral no espaço escolar: discutindo o lugar das práticas e dos gêneros orais na escola. In: *Coleção Explorando o Ensino – Língua Portuguesa: Ensino Fundamental*, v. 19. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p.129-154.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A face quantitativa da linguagem: um dicionário de frequências de Português. *Revista Alfa*, São Paulo, v.2 (n.esp.), 1996.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 2, p. 81-118, 1998.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.
- BRANCO, S. LUNA, R. O *vlog* como gênero textual aplicado a questões do ensino de literatura. *Revista Letras Raras*. V. 2, Nº 1, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. Estrutura da língua portuguesa. Edição crítica Petrópolis, RJ: Vozes, 2019 [1970].
- CASTILHO, Ataliba T. de. Nova Gramática do português brasileiro. 1 ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.
- CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In: DIONÍSIO, A.P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M.A.. Gêneros textuais e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p.179-194.

DOLZ, J. ; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. Gêneros Oraís e escritos na escola. Trad. e org. ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. São Paulo: Mercado das Letras, 2004, p. 95-128.

FARACO, Carlos Alberto. Criação ideológica e dialogismo. In: Linguagem e diálogo, as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

FÁVERO, L. ANDRADE, M. AQUINO, Z. Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GIL, Beatriz Daruj. Recursos léxico-gramaticais no ensino da língua portuguesa. Revista do GEL, v. 19, n. 1, p. 100-118, 2022. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>

GIL, Beatriz Daruj. Contra o prescritivismo, a fluidez da língua. Revista USP, [S.l.], v. 1, n. 138, p. 13-26, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/218039>. Acesso em: 22 nov. 2023.

GRUPO NOVA LONDRES. Uma Pedagogia dos Multiletramentos: Projetando Futuro Sociais. trad. Deise Nancy De Moraes; Gabriela Claudino Grande; Rafaela Saleme Bolsarin Biazotti; Roziane Keila Grando. Revista Linguagem em Foco, v. 13, n. 2, p. 101–145, 2021.

KLEIMAN, Ângela. Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?. São Paulo: Cefiel- IEL-Unicamp, 2005.

LEFFA, Vilson J. As Palavras e Sua Companhia: o léxico na aprendizagem das línguas. BEZERRA, Maria Auxiliadora. Dificuldades no uso adequado de vocabulário em textos escolares escritos, Pelotas: EDUCAT, 2000.

LIMA, F.; LUNA, R.P. Pensando o *vlog* como gênero textual aplicado ao ensino. In: III Simpósio Nacional de Linguagens e Gêneros Textuais - III SINALGE, 2012, Campina Grande. Linguagens, gêneros e discursos. João Pessoa: Ideia, 2012. v. 1. p. 638-649.

MARCHESI, Sueli Cristina *et al.* O gênero digital artigo de divulgação da ciência para crianças: plano de texto, interação e interfaces para o tratamento da leitura e da escrita. Revista (Con)Textos Linguísticos, Vitória, v. 15, n. 31, p. 105-125, 2021.

MARCUSCHI, L.A. A questão do suporte dos gêneros textuais. DLCV – Língua, Linguística e Literatura, 2003.

MARCUSCHI, L.A. Algumas Perspectivas para o ensino dos gêneros In *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008. p.152-171.

MARCUSCHI, L. A. Da fala para escrita: atividades de retextualização. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTINS, N.S. A estilística da palavra. In: MARTINS, N.S. Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa. São Paulo: T.A. Queirós/ EDUSP, 2003. p. 71-127.

MATSSURA, Sérgio. Cuidado: uso excessivo de internet e celular pode viciar. 2013.  
MOLINA, Eder. Marte, aqui vamos nós!. Revista Ciência Hoje das Crianças. Col. A ciência das coisas, 2023. Disponível em: <https://chc.org.br/artigo/marte-aqui-vamos-nos/>. Acesso em: 14 jan. 2024.

PERINI, Mario A. Gramática descritiva do português. 4 ed. 8ª impressão. São Paulo: Ática, 2005.

ROJO, Roxane. A Prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs. São Paulo: Mercado de Letras, 2000.

ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, Roxane. Gêneros de discurso/texto como objeto de ensino de línguas: um retorno ao trivium? In: SIGNORINI, Inês (Org.) [Re]discutir texto, gênero e discurso. São Paulo: Parábola, 2008. P. 73-108.

SILVEIRA, Luciane Carlan da. A constituição retórica do gênero artigo de opinião em um contexto específico de produção. Travessias Interativas, [S. l.], v. 7, n. 14, p. pp. 259–276, 2018. DOI: 10.51951/ti.v7i14. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/Travessias/article/view/9135>. Acesso em: 13 jan. 2024.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. São Paulo: Contexto, 1998.

STANDLER, P. C. *YouTube* como ferramenta de educação não formal: boas práticas para a produção de vídeos educativos com base nos aspectos da linguagem de youtubers. 2019.

YOUNG, Ricardo. Brasileiros preferem floresta em pé. 2009.

## ANEXOS

**ANEXO 1 – QR Code e link para acessar a pasta “PRODUÇÕES”, no Google Drive, contendo os *vlogs* científicos e artigos de opinião produzidos pelos alunos**



<https://drive.google.com/drive/folders/1MjUqXulOh7CjMlvfm4aLZlWHii5CPKam?usp=sharing>